



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



A CIÊNCIA TERÁ LIMITES? IS SCIENCE NEAR ITS LIMITS?

CONFERÊNCIA GULBENKIAN · LISBOA 25 > 26 OUTUBRO 2007

O ESTADO DO MUNDO
EXPOSIÇÃO **UM ATLAS DE ACONTECIMENTOS**

ÍNDICE

ACTUALIDADE

"A CIÊNCIA TERÁ LIMITES?" - CONFERÊNCIA GULBENKIAN	2
OS GREGOS – CONFERÊNCIAS EM TORNO DA EXPOSIÇÃO	5
TORSO MASCULINO GREGO NO MUSEU	5
MIGUEL TORGA – CENTENÁRIO ASSINALADO EM PARIS	6
ACORDES INICIAIS NA TEMPORADA DE MÚSICA 2007/2008	9
GANSOS E OUTROS (COM)PASSOS MUSICAIS	10
FUNDAÇÕES DA CPLP EMPENHADAS NA ACÇÃO SOLIDÁRIA	11
FUNDAÇÃO APOIA SAÚDE EM ANGOLA	11
INTERIORES EM FLOR	12
A URGÊNCIA DA TEORIA EM LIVRO	13

DESTAQUE

EXPOSIÇÃO – UM ATLAS DE ACONTECIMENTOS	14
--	----

BREVES

ABERTURA DO ANO ESCOLAR DO CEJ	17
PGCCA – CURSO DE FOTOGRAFIA EM NOVA EDIÇÃO	17
MEDALHA DE MÉRITO TURÍSTICO PARA A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN	17
FADO E NOVAS TENDÊNCIAS NO ATLANTIC WAVES 2007	18
DESENHOS DE FERNANDO CALHAU EM GUIMARÃES	18
VIVER OS JARDINS GULBENKIAN	18

LIVROS

EDUCAR A CRIANÇA	19
ÚLTIMOS ESCRITOS SOBRE A FILOSOFIA DA PSICOLOGIA	19
HISTÓRIA DO CONSTITUCIONALISMO MODERNO	19

UM ROSTO DA MUSEOLOGIA

GILES TEIXEIRA	20
----------------------	----

UM ROSTO DA ENGENHARIA AEROSPAZIAL

MARIA DE FÁTIMA BENTO	21
-----------------------------	----

UMA OBRA DO CAMJAP

VASCO ARAÚJO, A HAND OF BRIDGE	22
--------------------------------------	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

PABLO PICASSO	23
---------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

PIERRE GARNIER, SECRETÁRIA, ESTANTE, ESCRITÓRIO	24
---	----

AGENDA

.....	25
-------	----

NEWSLETTER Nº 87. OUTUBRO. 2007

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27
info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 10 000 exemplares



A CIÊNCIA TERÁ LIMITES? IS SCIENCE NEAR ITS LIMITS? CONFERÊNCIA GULBENKIAN LISBOA 25, 26 OUTUBRO 2007

ACTUALIDADE

"A Ciência terá Limites?" é a interrogação de partida para a Conferência Gulbenkian 2007 que se realiza a 25 e 26 de Outubro, no Auditório 2 da Fundação. A reflexão incidirá sobre a eventual crise ontológica na Ciência: se os progressos científicos têm motivado os avanços da história desde os tempos pré-socráticos, a Ciência estará agora a entrar num beco sem saída devido às limitações técnicas e à incapacidade de comprovar novas teorias? Esta vai ser a questão de fundo presente nas intervenções dos oradores convidados. O professor e ensaísta George Steiner, convidado a conceber esta conferência e João Caraça, director do Serviço de Ciência da Fundação, deixam duas perspectivas em forma de análise introdutória para estes dois dias de reflexão.



Desde os filósofos pré-socráticos até ao presente, a civilização ocidental tem sido virtualmente motivada pela confiança axiomática depositada no progresso científico. Podem ter existido erros (a cosmografia de Ptolomeu), momentos de regressão e de frustração, mas o movimento

impulsionador da descoberta e do conhecimento científicos parece ter definido o da própria razão. A relação do pensamento humano com os avanços científicos foi fundamental para a Antropologia, para os modelos da história humana implícitos em Galileu e Descartes. Foi fundamental para o estabelecimento da modernidade, do positivismo e do conceito de verdade nos trabalhos de Newton, de Darwin e dos seus sucessores. Por sua vez, as teorias científicas subscreveram a evolução constante da tecnologia na qual as sociedades ocidentais alicerçaram o seu poder. Tal como Bacon e Leibniz pregaram, as portas do progresso científico teórico e aplicado estiveram sempre abertas, definindo o horizonte do amanhã.

Será que continua a ser assim? Estarão agora à vista certos limites, certas barreiras às nossas expectativas? A possibilidade de a Teoria das Cordas não poder ser verificada nem falseada implica uma crise ontológica no seio do próprio conceito de ciência. Há motivos intrínsecos que nos levam

a acreditar que a cosmologia e a correspondente exploração do microcosmos são as suas fronteiras. Não há nenhum instrumento de observação, por mais sofisticado que seja, que nos permita prosseguir para lá das “paredes douradas” externas ou internas do nosso possível universo local. O conhecimento da consciência tem-se mostrado radicalmente evasivo. Pode muito bem acontecer que as analogias computacionais constituam um beco sem saída. A incompletude e a indeterminação, exemplificadas pelas obras de Gödel e de Heisenberg, são “muros” contra as quais a razão embate em vão. A acentuada diminuição do número de estudantes inscritos em cursos de ciências “duras” no Ocidente é sintomática. Tal como o são as novas ondas de racionalismo, irracionalidade, fundamentalismo e superstição que actualmente se abatem sobre nós.

As conjecturas estarão certamente sempre erradas. A biologia sintética e a biogenética, a biocomputação, o aproveitamento de bactérias em processos industriais prometem avanços espectaculares. A matemática progride, por assim dizer, autonomamente. No entanto, talvez as grandes ciências clássicas e a sua autoconfiança se estejam a desvanecer, o que constituiria uma grande revolução em todos os domínios da consciência e da sociedade.

Esta conferência pretende explorar algumas das possíveis consequências. O Concorde foi uma maravilha aerodinâmica, tecnológica. Não há qualquer intenção de o voltar a fazer voar.

A uma pergunta aparentemente tão singela como “A ciência terá limites?”, só se pode responder de modo igualmente singelo: depende. Isto é, os limites dependem da maneira como a ciência é encarada, pois a ciência resulta da tentativa de melhor compreender a realidade em que nos encontramos imersos, uma realidade tão multifacetada quanto complexa. Em primeiro lugar, a ciência pode ser considerada como um domínio do conhecimento. Nesta perspectiva, a ciência dedica-se ao estudo dos fenómenos da Natureza e das suas interacções. Sendo o Universo infinito, o processo de o apreendermos não pode ser limitado. O progresso da ciência, neste quadro, não conhece limites.

Mas podemos igualmente observar que, sendo a ciência um domínio do conhecimento, ela exprime-se e comunica-se de maneira semelhante à dos outros domínios, isto é, usando linguagens especializadas. Nestes termos, a precisão da descrição da realidade e dos seus fenómenos está condicionada à pertinência dessas linguagens e dos seus componentes (a música, por exemplo, não se traduz bem por palavras). Nesta perspectiva, os limites surgem da incapacidade de inventar novas linguagens.

Por outro lado, a especialização crescente acarreta uma progressiva fragmentação das disciplinas científicas e um distanciamento cada vez maior em relação aos outros domínios do conhecimento. Os limites da ciência corresponderão neste caso às fronteiras cognitivas dos outros domínios,

que serão tanto mais inultrapassáveis quanto o esforço de comunicação interdisciplinar se tornar desaconselhado, ou mesmo proscrito.

Mas a ciência não se pode fazer, nem praticar, sem cientistas. Nesta medida, poder-se-á afirmar que os limites sociais impostos à liberdade de acção das comunidades científicas serão determinantes para o desenvolvimento futuro da ciência. Essas barreiras, resultantes das percepções sobre o valor da ciência para as economias e as sociedades em que essas comunidades se inserem, são uma das mais fortes condicionantes das nossas possibilidades de adaptação e de ajustamento a novas situações e condições de vida.

Espero, com esta enumeração simples de limites, condições, barreiras e constrangimentos, ter despertado o apetite e o interesse para a discussão das várias atitudes e posições que não deixarão de ser apresentadas pelos oradores convidados na Conferência Internacional de 25 e 26 de Outubro próximo. Veremos certamente como as humanidades, as ciências sociais e os diversos ramos da ciência encaram a questão posta consoante as estratégias de descoberta e as visões do mundo de que são portadoras.

Sobretudo, esta oportunidade de diálogo deverá permitir uma reflexão sobre o limite fundamental da nossa aventura como espécie biológica no planeta – a imaginação. Porque é a imaginação que nos faz sonhar. E transformar os sonhos em realidade. ■

A CIÊNCIA TERÁ LIMITES?

CONFERÊNCIA GULBENKIAN PROGRAMA

QUINTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO

10H00 SESSÃO DE ABERTURA

Emílio Rui Vilar, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

CONFERÊNCIA DE ABERTURA


George Steiner, University of Cambridge

15H00 A TEORIA DAS CORDAS E O PARADOXO DA NÃO-VERIFICABILIDADE

Presidente, Gustavo Castelo Branco

Dieter Lüst, Ludwig-Maximilians University

Peter Woit, Columbia University



Dieter Lüst, Ludwig-Maximilians University



Peter Woit, Columbia University

17H00 QUE PROGRESSOS NAS CIÊNCIAS DA VIDA?

Presidente, António Coutinho

Gerald Edelman, The Neurosciences Institute

Wolf Singer, Max-Planck Institute for Brain Research

SEXTA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO

09H30 INCOMPLETUDE E INCONSISTÊNCIA

Presidente, Luís Moniz Pereira

Luis Alvarez-Gaumé, CERN, Genève

Lewis Wolpert, University College, London



Luis Alvarez Gaumé, CERN, Genève

12H00 CONFERÊNCIA

Presidente, João Ferreira de Almeida

Helga Nowotny, European Research Council



Helga Nowotny, European Research Council

15H00 O NOSSO ENTENDIMENTO SOBRE O LUGAR DO HOMEM NO UNIVERSO

Presidente Maria do Carmo Fonseca

Eörs Szathmáry, Collegium Budapest,

Institute for Advanced Study

John Horgan, Stevens Institute of Technology



John Horgan, Stevens Institute of Technology

17H00 DIÁLOGO DE ENCERRAMENTO

Presidente João Caraça

Freeman Dyson, Institute for Advanced Study,

Princeton University

Laura Bossi, Escritora

Jean-Pierre Luminet, Paris-Meudon Observatory, CNRS



Freeman Dyson, Institute for Advanced Study, Princeton University



Jean-Pierre Luminet, Paris-Meudon Observatory, CNRS

OS GREGOS

CONFERÊNCIAS EM TORNO DA EXPOSIÇÃO

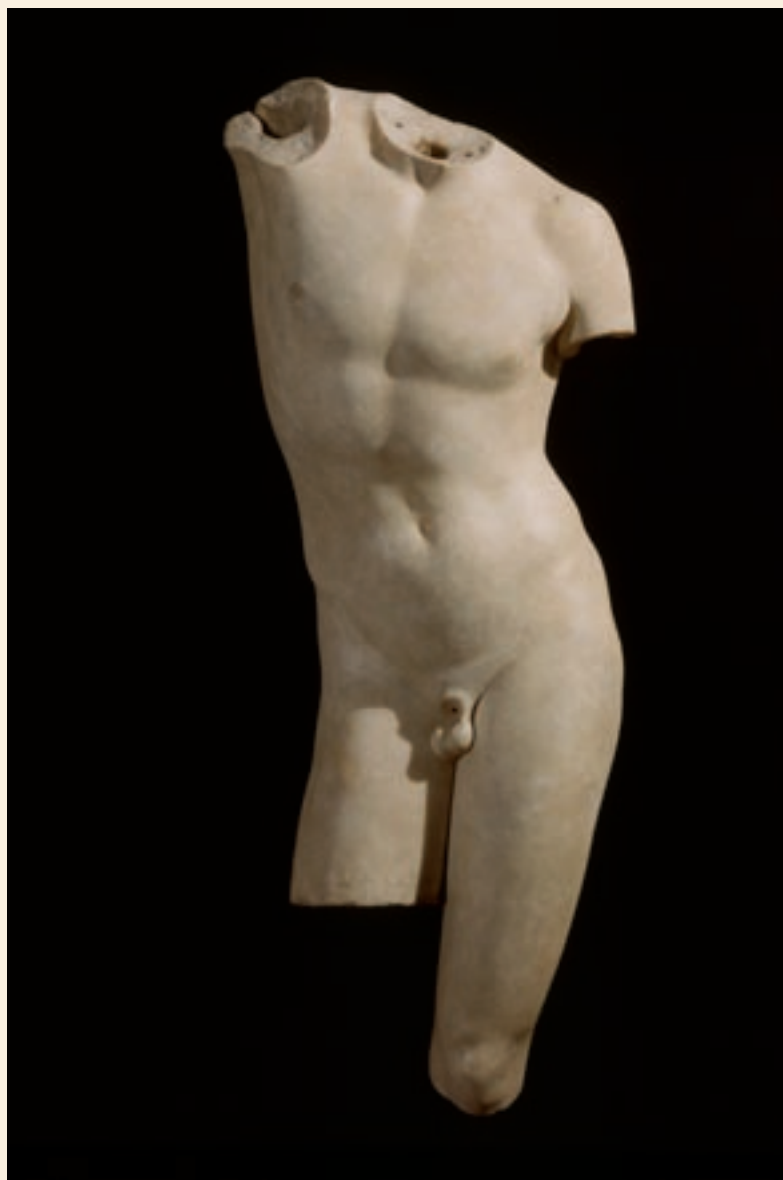
As Luzes da Grécia é o título geral de um ciclo de palestras que o Museu Calouste Gulbenkian organiza de 15 de Outubro a 6 de Dezembro, em torno da exposição *Os Gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas*. Esta mostra apresenta um panorama da arte e da cultura gregas desde o Neolítico até à independência do país no século XIX, através de um universo de 157 objectos, nomeadamente peças de escultura, cerâmica, ourivesaria, metais, têxteis, arte do livro e pintura do notável acervo do Museu Benaki de Atenas. Maria Helena da Rocha Pereira coordena as quatro conferências que compõem este projecto. A 15 de Outubro é a

investigadora da Universidade de Coimbra, autoridade em História da Cultura Clássica, que dissertará “Em volta do milagre grego”. Também da Universidade de Coimbra, José Ribeiro Ferreira fará, a 29 de Outubro, uma análise comparativa sobre “Polis e democracia: ontem e hoje”. No dia 26 de Novembro, Pedro Serra, da Universidade de Lisboa, vai abordar o tema “Filosofia fala grego”. O ciclo encerra com a apresentação de Rui Morais, da Universidade do Minho, sobre “Da Kore Arcaica à Vitória de Samotrácia”, a 6 de Dezembro. As conferências têm entrada livre e decorrem sempre às 18h00, no Auditório 3 da Fundação. ■

TORSO MASCULINO GREGO NO MUSEU

Entre 1949 e 1952 Calouste Sarkis Gulbenkian doou um conjunto de 32 obras da sua colecção ao Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), à época dirigido pelo museólogo João Couto, a quem o uniam laços de grande amizade e consideração mútua.

Uma das primeiras obras cedidas foi um belíssimo torso masculino grego, executado em mármore de Paros, no séc. V a. C., o século de Péricles, momento de apogeu do Classicismo helénico e de triunfo do naturalismo idealizado. Esta peça, que poderá representar o deus Apolo, pertenceu à célebre Colecção de Thomas Hope (1769-1831), famoso coleccionador inglês que muito contribuiu para a renovação das artes decorativas no seu país, ao divulgar entusiasticamente o Revivalismo grego e o Neoclassicismo. Em 1994, o Museu Gulbenkian comemorou o seu 25º Aniversário com uma exposição que integrou doações de Calouste Gulbenkian ao MNAA, possibilitando o primeiro regresso do Torso grego. Em 2006, no âmbito das comemorações do 50º aniversário da Fundação, a peça voltou de novo a casa, integrando a exposição *O Gosto do Coleccionador. Calouste S. Gulbenkian 1869-1955*. A obra, que se encontrava nas reservas do MNAA, foi agora cedida, em sistema de empréstimo a longo prazo, ao Museu Gulbenkian. Poderá ser vista no átrio de entrada durante o período em que decorre a exposição *Os Gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas*. ■

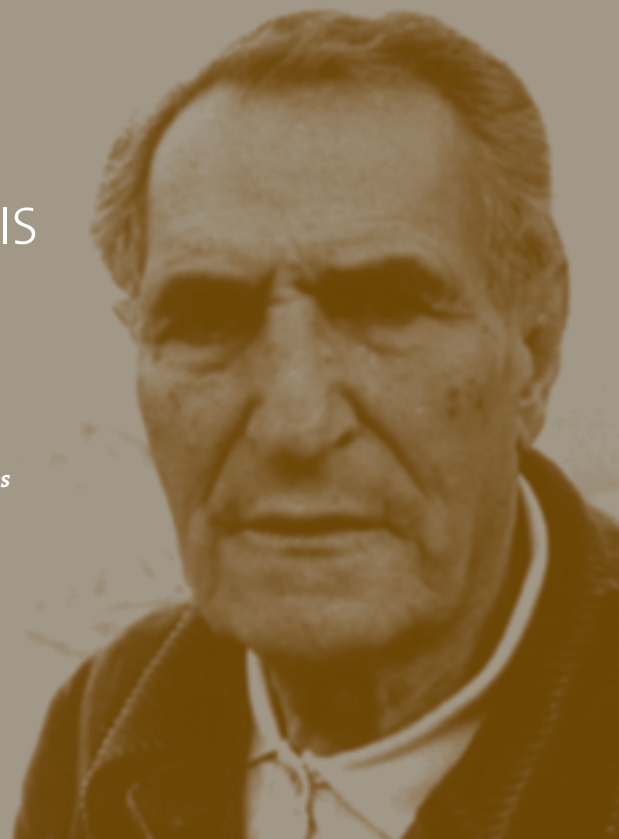


*Torso masculino, Grécia, c. 450-400 a.C.
Mármore de Paros, alt. 116,5 cm.*

MIGUEL TORGA

O CENTENÁRIO ASSINALADO EM PARIS

Nos dias 17 e 18 de Outubro, o Centro Cultural de Paris promove um colóquio internacional de homenagem ao escritor Miguel Torga, no âmbito do centenário do seu nascimento. A iniciativa, comissariada por Carlos Mendes de Sousa, vai reunir escritores, ensaístas e professores de diversas universidades portuguesas e europeias, sendo complementada por uma exposição biobibliográfica com materiais do itinerário pessoal, cívico e literário de Miguel Torga, de que se destaca a exibição de alguns dos raríssimos manuscritos de poemas do escritor, como “Ânsia”, “Pátria” e “Miniatura”. Nesta entrevista, Carlos Mendes de Sousa, professor da Universidade do Minho e responsável pelo colóquio, deixa algumas notas sobre o programa, mas também sobre a obra e a personalidade do escritor.



NESTE COLÓQUIO VÃO SER ABORDADAS AS VÁRIAS FACETAS DA OBRA DE MIGUEL TORGA: A POESIA, A AUTOBIOGRAFIA, A FIÇÃO E O TEATRO. AO INCLUIR TAMBÉM “O PORTUGAL DE TORGA” COMO UM DOS TEMAS DAS INTERVENÇÕES, O QUE PRETENDE VER DISCUTIDO?

Torga foi um dos autores que melhor “disse Portugal”. Recordo as palavras iniciais da intervenção de Sophia de Mello Breyner Andresen, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, em Dezembro de 1978, numa homenagem organizada pela Secretaria de Estado da Cultura, para assinalar os 50 anos da vida literária do autor. Sophia afirmou na bela concisão lapidar da sua fala: “Torga é um poeta em que um país se diz”. Esta maneira de definir o escritor traz consigo implicações que podem suscitar leituras complexas e diferenciadas. Aliás, a intervenção de Eduardo Lourenço nessa homenagem recebia justamente o título: “O Portugal de Torga”.

Existe em Miguel Torga um projecto de escrita que assenta no desejo de configurar literariamente um completíssimo painel do país. Não só do país rural, nos seus livros de contos sobre a Montanha, mas também da vivência urbana (*Rua, Pedras Lavradas*), do universo do Douro (*Vindima*), da condição do português aventureiro (*O Senhor Ventura*), da tensão entre a terra e o mar (nas peças de teatro), do tempo pessoal e histórico, em *A Criação do Mundo*, do iberismo em *Poemas Ibéricos*, do impressionante registo da memória dos acontecimentos políticos e sociais de mais de meio século, nas páginas do Diário, ou do emblemático vade-mécum com o título *Portugal*.

Por uma questão de ordem pragmática relativa à distribuição das sessões, partiu-se de um critério genológico: foi oferecida aos conferencistas a possibilidade de orientarem as escolhas das suas intervenções, tendo em conta os géneros cultivados pelo autor. Como o tema da identidade pátria atravessa toda a obra, entendi que seria importante relevá-lo.

Pretende-se que o colóquio, nas várias vertentes abordadas, traga consigo um sopro de renovação no domínio da interpretação da obra de Torga. O que naturalmente irá acontecer tendo presente o notável elenco de oradores participantes.

AO REUNIR VÁRIOS ESPECIALISTAS DA LITERATURA – PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES, ALGUNS A LECCIONAREM EM FRANÇA E OUTROS PROFESSORES ESTRANGEIROS – TEVE A PREOCUPAÇÃO DA DIVERSIDADE (LINGUÍSTICA, GEOGRÁFICA) NAS ESCOLHAS DOS ORADORES?

Vários critérios foram observados na escolha dos oradores. Sem dúvida que o princípio da diversidade esteve presente na planificação do colóquio, e esse propósito não se cingiu apenas ao âmbito linguístico-geográfico. Foram convidados reconhecidos estudiosos da obra de Miguel Torga, assim como escritores e ensaístas que conviveram com o autor de *A Criação do Mundo*, como é o caso de Manuel Alegre e de Eduardo Lourenço. Além dos especialistas na obra de Torga, o colóquio contará com a presença de estudiosos que se destacaram em outras áreas da Literatura Portuguesa e da Teoria da Literatura. Alguns desses investigadores nunca se debruçaram sobre o autor homenageado; pretende-se, desta forma, estimular

uma revisitação da obra torguiana, incrementando uma dinâmica dialogante a partir de distintas perspectivas de hermenêutica literária.

Gostaria de destacar a presença de professores das várias universidades de Paris, onde se estuda a literatura portuguesa. Houve também a preocupação de convidar docentes e investigadores francófilos oriundos de diversos países, uma vez que a língua de comunicação no colóquio será o francês (em Dezembro, por exemplo, em outro colóquio sobre Miguel Torga, que se vai realizar na Universidade de Hamburgo, poderemos constatar a prevalência de congressistas germanófilos).

ASSINALAR O CENTENÁRIO DE MIGUEL TORGA, EM PARIS, SIGNIFICA IR MAIS ALÉM DA DISCUSSÃO SOBRE A SUA OBRA? É UM MOMENTO PARA DIVULGAR UM GRANDE ESCRITOR NUMA CIDADE DE CULTURA?

A iniciativa do presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. Emílio Rui Vilar, ao propor a realização de um colóquio internacional no Centro Cultural da Fundação, em Paris, revestiu-se de grande significado simbólico.

Devemos recuar ao ano de 1980, ano em que o emblemático livro *Bichos* foi publicado em França, com o título *Arche*, justamente numa co-edição do Centro Cultural Gulbenkian e das Presses Universitaires de France. Trata-se da primeira tradução de um livro de Miguel Torga no país de Montaigne. Esta tradução constitui um marco no que diz respeito à divulgação da obra de Torga em França. É de toda a justiça lembrar aqui o nome da tradutora francesa, Claire Cayron, pela sua dedicação à obra do escritor português, com um empenho e uma fidelidade exemplares. A década de 80 do século XX constitui um período de ouro no que diz respeito à difusão de Torga em França, difusão que prosseguirá na década seguinte. A obra foi praticamente toda traduzida e foi objecto de uma assinalável fortuna crítica na imprensa e em revistas especializadas. Eu próprio, ao trabalhar no espólio do escritor, quando da preparação da exposição comemorativa do centenário do nascimento, pude comprovar esse impacto, ao observar o volumoso conjunto de recortes de imprensa de jornais muito conceituados, e pude constatar a qualidade das críticas feitas à obra de Torga. O culminar simbólico desse reconhecimento de Torga em França é visível na atribuição de prémios, homenagens, condecorações (por exemplo, Oficial das Artes e Letras, condecoração atribuída pelo presidente François Mitterrand, em 2 de Junho de 1989). No epistolário passivo de Miguel Torga, encontramos uma carta datada de 1988, assinada pelo Ministro da Cultura, Jacques Lang, que convida Torga para participar numa manifestação em torno da literatura portuguesa contemporânea (*Les Belles Etrangères*), dizendo-lhe o seguinte: “Votre présence aurait une valeur symbolique très importante pour le public français pour qui vous incarnez le Portugal.”

Ainda hoje se pode verificar que, nas estantes das livrarias de Paris, nas secções da literatura de língua portuguesa, Torga não está esquecido. Encontramos os seus livros (publicados



Carlos Mendes de Sousa

nas éditions Corti) ao lado dos livros de Pessoa, Saramago e Lobo Antunes. Por conseguinte, mais do que divulgar a obra de Torga em França, deseja-se que o colóquio ajude a relançá-la, a criar um novo impulso, uma nova dinâmica de leitura.

APESAR DE SER AVESO A GALARDÕES, MIGUEL TORGA RECEBEU ALGUNS, ENTRE ELLES O PRIMEIRO PRÉMIO CAMÕES. FOI TRADUZIDO EM INÚMERAS LÍNGUAS, MAS A ACADEMIA NOBEL NÃO RECONHECEU O SEU VALOR. UMA INJUSTIÇA POR TER NASCIDO PORTUGUÊS E ANTI-SALAZARISTA?

É difícil equacionar a ausência do Nobel nestes termos, como é difícil perceber os designios da Academia sueca. Não creio que o anti-salazarismo de Torga tenha pesado na não atribuição do prémio. No que diz respeito ao Nobel da literatura, a História aponta-nos um não acabar de casos de grandes escritores, de diversos países, em relação aos quais sempre se esperou o Nobel, que nunca chegou. À cabeça recorde-se o eterno nobelizável Jorge Luis Borges (bem que davam um excelente conto borgesiano as conjecturas acerca deste prémio por vir!). No que diz respeito a Torga, se o merecido prémio não chegou, também ficaram muitas histórias para contar. A primeira proposta de Torga ao Nobel surgiu no final de 1959. Um professor da Universidade Montpellier, Jean-Baptiste Aquarone, com o apoio de intelectuais franceses, belgas e italianos, apresenta à Academia Sueca a candidatura de Miguel Torga ao Prémio Nobel da Literatura de 1960. Entretanto, em Portugal, um grupo de escritores e intelectuais, próximos da corrente neo-realista, movimentou-se no sentido de apoiar outra candidatura! No início de Janeiro, os jornais davam

conta de duas candidaturas portuguesas ao Prémio Nobel da Literatura: Miguel Torga e Aquilino Ribeiro. A candidatura de Torga é entusiasticamente apoiada por Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Alexandre O'Neill, David Mourão-Ferreira, entre outros escritores e intelectuais. O nome de Miguel Torga passou ser um nome continuamente arrolado entre os nobelizáveis. Recordo que, em 1978, foi apresentada novamente a candidatura de Torga ao Prémio Nobel da Literatura, com o apoio de destacadas figuras da cultura portuguesa, assim como de alguns intelectuais e criadores estrangeiros, entre os quais o vencedor do Prémio Nobel da Literatura do ano anterior, Vicente Aleixandre.

Na época, as discussões em torno desta consagração colocavam-se também pelo facto de até essa data nunca ter sido atribuído um Nobel a um escritor de língua portuguesa. O próprio Jorge Amado (nome frequentemente apontado como forte candidato), em 1991, escreve a Torga dizendo do autor de *A Criação do Mundo* que ele “é o principal entre os escritores de língua portuguesa” e acrescentando que “é uma injustiça que o Nobel ainda não lhe tenha sido concedido”. Como terá sido uma injustiça o facto de nunca terem chegado a receber o prémio escritores como Sophia de Mello Breyner Andresen, João Guimarães Rosa ou Clarice Lispector.

O ESCRITOR MÁRIO CLÁUDIO ELEGEU MIGUEL TORGA COMO “UM DOS AUTORES MAIS AGREDIDOS, TALVEZ A PAR DE JOSÉ RÉGIO, POIS APANHOU PANCADA DOS NEO-REALISTAS E DOS SURREALISTAS, QUE VIAM NELE A EXPRESSÃO DE UM CERTO PORTUGAL QUE URGIA ULTRAPASSAR”. CONSIDERA QUE TORGA É, AINDA HOJE, UM ESCRITOR “MALTRATADO”?

Do ponto de vista histórico-literário, Torga impõe-se como escritor na década de 40 do século XX, depois de ter entrado em ruptura, na década anterior, com o grupo da *Presença*, grupo que foi importante para a sua formação literária. Esta ruptura implicava uma consciência social muito aguda que o autor não reconhece no grupo presencista. Para ele, os presencistas, dominados por Régio, viviam num alheamento ensimesmador, que lhe parecia ser profundamente anquilosante. Contudo, Torga não se enfileira nos quadros do neo-realismo. O seu percurso literário é construído a partir de uma feroz independência relativamente a grupos e a tendências. Foi esse pendor independente que marcou todo o seu caminho e que também lhe trouxe inimizades.

É difícil subscrever em absoluto a tese de que Torga seja hoje um escritor “maltratado”. Talvez por me encontrar envolvido em muitas iniciativas torguianas, neste ano do centenário, tenha uma percepção um pouco diferente. Como acontece com tantos outros escritores, há períodos em que são menos lidos do que se desejaria que fossem (cito como exemplo, Aquilino Ribeiro e Vergílio Ferreira).

Em relação a Miguel Torga, talvez exista um problema que decorre de uma atitude preconceituosa de quem não chega a ler a obra e formula peremptórios juízos sumários. É mais

fácil arrumar, catalogar, sem que nos demos ao trabalho de ir ao fundo. Daí as observações sobre o “escritor regionalista” (como tantas vezes oiço), o “escritor telúrico”, ponto final. Quando se entra verdadeiramente na obra de Torga percebe-se a sua complexidade e a sua extrema actualidade. Talvez por isso tenha sido admirado por escritores tão diferentes como Almada Negreiros, Sophia, Alexandre O'Neill (nome que esteve ligado ao surrealismo), Ruben A., Alberto Pimenta. Também é grato verificar que os leitores estrangeiros acabam por não ser tão influenciados por modas e mais espontaneamente apresentem mostras da sua generosidade. Recordo-me, por exemplo de ouvir Richard Zimmler, escritor norte-americano a viver em Portugal, falar com grande entusiasmo da obra de Torga. Por outro lado, as contínuas reedições das obras de Torga contraditam totalmente a ideia do “escritor maltratado”.

NA ERA DOS COMPUTADORES E DA COMUNICAÇÃO ELECTRÓNICA, O QUE SE PODE FAZER PARA DEIXAR A ESCRITA DE TORGA AOS MAIS NOVOS?

Creio que a questão que se coloca é similar àquela que ocorre com qualquer outra obra literária. No caso da obra de Miguel Torga podemos pensar que representando-se nela um universo hoje desconhecido para muitos jovens se tornaria mais difícil o acesso. Julgo, no entanto, que se trata de um falso modo de colocar a questão. Tenho conhecimento de que nalgumas escolas do Ensino Básico e Secundário, neste ano do centenário, alguns professores orientaram os alunos na produção de trabalhos, recorrendo à utilização de meios audiovisuais, e que isso constituiu um incentivo à leitura dentro dos grupos. Pode ser um caminho. Pensando ainda na escola, julgo que os professores de literatura encontrarão sempre meios apropriados para levar os alunos a interessar-se por obras que são extremamente ricas em aspectos muito importantes para o conhecimento da nossa identidade e para o conhecimento histórico, político e social do século XX e que são extremamente valiosas do ponto de vista estético. Penso ainda na motivação que pode constituir o contacto com as páginas do *Diário* e do romance autobiográfico, páginas admiráveis sobre o eu, a indagação, a dúvida, na difícil descoberta do enigma que cada um é para si mesmo. E penso concretamente na beleza, na tensão e na força das narrativas curtas que podem igualmente constituir uma porta de entrada no conhecimento do autor. Ainda há pouco tempo vi numa livraria como um adolescente estava completamente absorvido na leitura de *Bichos*, numa edição de bolso. Não sei quais as motivações que o levaram a interessar-se por aquele livro. O certo é que este jovem pode constituir um exemplo.

Voltando ao colóquio: encontramos, no âmbito deste evento, iniciativas paralelas que constituem um bom exemplo de motivação para a obra do escritor, como é o caso dos ateliês de leitura, que se realizarão na véspera (com vista a interessar os alunos universitários pela obra do escritor), ou a exposição biobibliográfica sobre Miguel Torga. ■



ACORDES INICIAIS NA TEMPORADA DE MÚSICA 2007/2008

Quarteto Artemis

A 6 de Outubro, a nova temporada de música chega aos palcos da Fundação Calouste Gulbenkian. O ciclo Novas Vanguardas dará o mote: depois de um comentário pré-concerto de Miguel Azguime, no Auditório 3, o Remix Ensemble e a Orquestra Gulbenkian interpretam no Grande Auditório uma obra deste compositor e *Duktus e Épures du Serpent Vert II* de Emmanuel Nunes. Encomenda conjunta da Fundação Gulbenkian e da Casa da Música, esta será a primeira audição em Portugal da obra *Circundante Circunstância dos Círculos*, de Azguime, após a estreia mundial no Festival de Música de Estrasburgo. Peter Rundel assume a direcção.

Entre mais de uma dezena de espectáculos, em Outubro actuam a Orquestra e Coro Gulbenkian sob a batuta de Simone Young, a 11 e 12 de Outubro. No dia 16 pode ouvir-se o Quarteto de Cordas de Berlim, o primeiro dos oito que incluem esta temporada.

São 135 os espectáculos da temporada 2007-2008, entre concertos e recitais, cobrindo um vasto repertório do barroco aos nossos dias. Ao longo do ano, a partitura de escolhas inclui obras de referência absoluta de autores de renome e de outros menos conhecidos do grande público. Além de alguns percursos individuais – Bach, Brahms, Tchaikovsky,



Remix Ensemble

Strauss e Stravinsky –, muitos outros compositores terão presença múltipla na temporada, representando a variedade e a renovação das abordagens interpretativas da actualidade. No ano em que a obra de Emmanuel Nunes é tema de retrospectiva no âmbito do Réseau Varèse, o mais internacional compositor português, já habitual na programação das temporadas Gulbenkian, terá também natural destaque. ■ [ver programa na agenda]



GANSOS E OUTROS (COM)PASSOS MUSICAIS

Este mês recomeça também a temporada especial que cativa os mais novos – Descobrir a Música na Gulbenkian. No seu terceiro ano, o projecto educativo expande-se em número de actividades e em áreas de intervenção. Aos cursos livres para adultos, às visitas e viagens ao mundo do som para crianças e às oficinas que se cruzam com currículos escolares, somam-se novidades bem-vindas na temporada 2007-2008: actividades para bebés até aos 3 anos, acompanhados pelos pais, e sessões orientadas para crianças com necessidades especiais. Dois novos cenários para apresentar aos públicos infanto-juvenis a música clássica, o jazz e as sonoridades do mundo.

No primeiro caso, *Os Meus Primeiros Sons* poderão ser escutados todos os sábados, entre as 10h00 e as 11h00, já a partir de 20 de Outubro. Os pais serão aqui os veículos para o despertar musical destas crianças. Na pioneira *Viagem Especial ao Mundo do Som*, o plástico, o alumínio e o vidro dão aos instrumentos Baschet uma sonoridade muito rica. Estas estruturas sonoras inventadas pelos irmãos Baschet, em 1955, construídas a partir de materiais menos usuais,

resistentes e fáceis de manusear, funcionam pelos princípios acústicos. Constituem, por isso, uma via fundamental de exploração sonora, tão crucial para o crescimento e desenvolvimento de crianças com necessidades especiais.

De 15 a 27 de Outubro decorre a primeira das oficinas da nova programação. *A Minha Mãe Ganso e Outras Histórias para Dançar* dará asas a uma coreografia de passos ritmados de jazz com sons de Ravel e Gershwin.

Em Novembro, há exploração directa de instrumentos com a actividade *Despertar para a Música*, que introduz o funcionamento de famílias instrumentais e a forma de produção sonora dos vários instrumentos e técnicas de execução; há *Encontros Orquestrados* para interagir e dialogar com o maestro e músicos; e um primeiro *Concerto Comentado*.

Até Julho de 2008, estão previstas muitas mais visitas para espreitar *Como se Faz Um Concerto* por detrás da cortina, e outros tantos *Contos Musicais*. *As Viagens ao Mundo do Som* abrem-se este ano ao público familiar, com sessões aos sábados durante o mês de Maio. ■ [ver programa na agenda]

FUNDAÇÕES DA CPLP EMPENHADAS NA ACÇÃO SOLIDÁRIA

Mais de 30 fundações da Comunidade de Países de Língua Portuguesa estiveram reunidas em Luanda para o 4º Encontro de Fundações da CPLP, nos dias 20 e 21 de Setembro. Tendo por base uma língua comum, os encontros são uma rampa de aproximação, de troca de experiências e de cooperação mútua entre estes importantes actores da sociedade civil. O reforço da colaboração institucional, a necessidade de uma postura de intervenção pró-activa e o papel da língua portuguesa neste processo marcaram a reunião.

No encerramento dos trabalhos foi adoptado um documento que prevê a continuidade de uma estratégia com dois pilares essenciais: “assumir a língua portuguesa como património comum inalienável e factor facilitador de desenvolvimento em todas as suas áreas de actuação” e a aposta na promoção da filantropia e intervenção solidária. Uma tarefa que as fundações devem ter como prioritária, cada vez mais em articulação entre si. Para facilitar esta aproximação decidiu-se consolidar o Secretariado dos Encontros de Fundações da CPLP, agora designado como Grupo de Trabalho Permanente das Fundações da CPLP. Para valorizar e promover estas abordagens multilaterais e em rede, vai ser criado um blogue ou *website*, com o apoio da Fundação Portuguesa das Comunicações.

Na sessão de abertura, o presidente do Centro Português de Fundações, Emílio Rui Vilar, reforçara já a relevância estratégica do idioma para as fundações, sublinhando que é fundamental apostar na afirmação de um movimento da sociedade civil com expressão em língua portuguesa. Labor tanto mais importante, quanto, segundo o presidente da Fundação Gulbenkian, “só com sociedades civis fortes, organizadas e em permanente diálogo, poderemos contribuir para potenciar as oportunidades e os benefícios, minimizando os custos e as dificuldades resultantes dos complexos problemas sociais que hoje enfrentamos”. As fundações têm responsabilidades, das quais não se podem demitir: “As instituições da sociedade civil carecem de um quadro



Adélia Pires, Afonso Van-Dúnen, Emílio Rui Vilar e Manuel Miguel de Carvalho.

normativo, de um enquadramento jurídico e fiscal, que garanta as liberdades fundamentais e encoraje a filantropia e a intervenção solidária. Onde a sociedade civil não se afirma, ou só dificilmente se afirma, a vida pública passa a ser dominada por oligarquias que disputam e enfraquecem o Estado democrático.”

Para a situação específica de Angola, Afonso Van-Dúnen “M’Binda”, presidente da Fundação Sagrada Esperança, defendeu parcerias das fundações do país com o Estado, em áreas essenciais como a “criação de condições para um desenvolvimento sustentável e tarefas de reconstrução nacional e de consolidação da democracia”. Nesta ocasião estiveram presentes o vice-ministro de Angola para a Comunicação Social, embaixadores dos países da CPLP, o representante da CPLP em Angola e um representante do PNUD.

Ao longo de dois dias de trabalhos, as fundações debateram o seu papel na capacitação das organizações da sociedade civil, na valorização das pessoas e no apoio à inclusão social, a sua contribuição para a consolidação da paz e da democracia. Da agenda fez também parte a discussão sobre a urgência do combate à pobreza, tal como definido nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio das Nações Unidas.

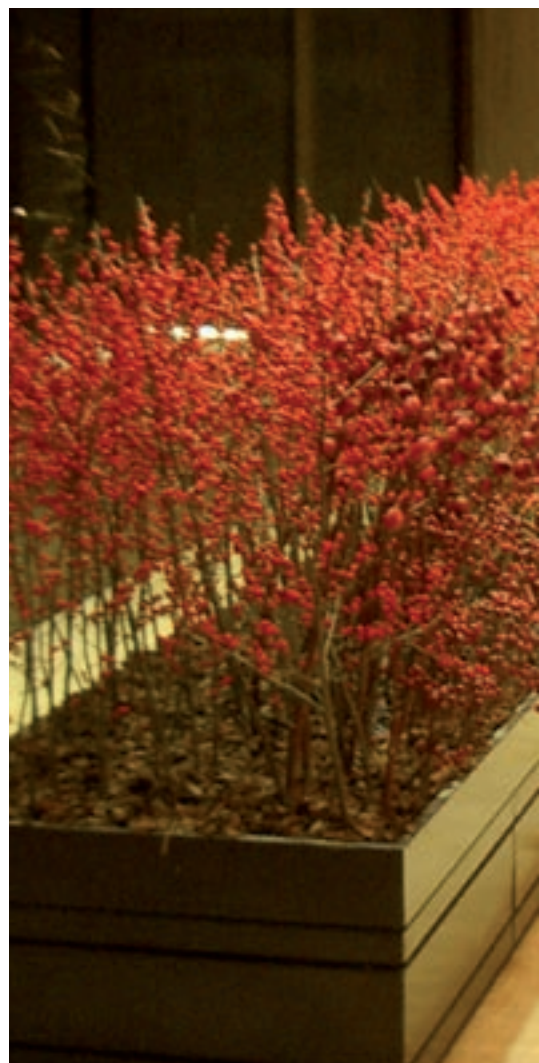
O quarto encontro foi co-organizado pelo Centro Português de Fundações e pela Fundação Sagrada Esperança, instituição anfitriã. A Fundação Bissaya Barreto, a Fundação Gulbenkian, a Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade, a Fundação Infância Feliz e a Fundação Oriente integraram o secretariado.

Portugal e Cabo Verde acolheram as edições anteriores. A convite da Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade, o encontro do próximo ano realiza-se na capital moçambicana, Maputo. ■

ANGOLA - FUNDAÇÃO APOIA INVESTIGAÇÃO EM SAÚDE

A Fundação Calouste Gulbenkian, o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, o Ministério da Saúde de Angola e o Governo Provincial do Bengo assinaram o acordo para o início do projecto de criação de um Centro de Investigação em Saúde em Angola (CISA), a localizar-se no Caxito, província do Bengo. A assinatura deste contrato-programa, estabelecendo uma parceria entre diferentes

organismos de natureza diversa, pretende dotar Angola de um centro de investigação na área da saúde permitindo um melhor conhecimento das principais doenças que afectam o país tais como a malária, a tuberculose e SIDA. Este acordo vem também potenciar a participação de Angola e Portugal, a nível internacional, na área da investigação das doenças que mais atingem os países em vias de desenvolvimento. ■



INTERIORES EM FLOR

Margaridas em Maio, plantas verdes no Verão, bagas vermelhas no Natal, as espécies florais dos espaços públicos interiores da Fundação vão revelando as épocas do ano. Lá fora, a nudez progressiva das árvores de folha caduca e um tom castanho no habitual verde do jardim comunicam a chegada do Outono. Na Sede, Museu e Centro de Arte Moderna, essa passagem de estação está prevista numa programação anual de decoração floral, que contempla ainda duas épocas festivas: Natal e Páscoa.

“As espécies escolhidas adaptam-se aos períodos do ano, como existem na Natureza, ou pretendem evocar as festividades, tanto no que diz respeito às plantas como do ponto de vista cromático”, esclarece Teresa Nunes da Ponte. A arquitecta é responsável por esta programação anual, feita em colaboração com o arquitecto João Mateus, para

garantir a componente paisagística e a coerência com os jardins da Fundação. Preocupação também presente é o equilíbrio das opções e a harmonia espacial do projecto: “Procuramos alternar arranjos com uma expressão mais marcante com outros de maior suavidade, sempre compatíveis com a arquitectura das construções.”

Em 2006-2007, além das seis decorações normalmente previstas para um ano, assinalou-se também o início e o fim das comemorações do Cinquentenário da Fundação. No encerramento, as rosas do Planalto da Anatólia escolhidas para as floreiras e jarras quiseram lembrar a figura do Fundador, Calouste Gulbenkian, originário dessa região.

O tratamento das floreiras e jarras dos espaços públicos e serviços da Fundação insere-se no âmbito da conservação e manutenção dos edifícios e da qualificação e conforto dos espaços. ■

A URGÊNCIA DA TEORIA

LIÇÕES DE O ESTADO DO MUNDO JÁ EM LIVRO

As lições proferidas no âmbito do Fórum Cultural “O estado do Mundo” foram reunidas num volume lançado no mês passado, no Auditório 2 da Fundação, com apresentação de Isabel Capelo Gil, directora da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa. O texto que se segue, de sua autoria, sublinha a necessidade de articular o pensamento crítico com a complexa realidade contemporânea, daí a importância desta reflexão sólida e séria, que apresenta na sua diversidade abordagens complementares e argumentos opostos, esboçados entre o pessimismo e a esperança, o realismo e a utopia.

POR ISABEL CAPELOA GIL

Tal como reflecte Robert Musil no início do seu *opus magnus*, *O Homem sem Qualidades*: “Era claro para si que algo tinha de acontecer!” Musil escreve estas palavras em 1930, num período marcado pela tensão política, pela crise civilizacional, pela radicalização do discurso em torno de projectos sócio-políticos diferentes na ideologia e próximos na tecnocracia, pela anomia e pelo desencanto.

Em 2007, vivemos tempos diferentes, mas igualmente turbulentos, cindidos entre o ressentimento e a arrogância, o medo do Outro e enclausuramento do Eu, a fome e a abundância, a repressão e a democracia. Como diria Hölderlin, vivemos em tempos de carência e algo tem de acontecer. E aconteceu. No âmbito cultural, em Portugal, em 2007, aconteceu o Fórum Cultural “O estado do Mundo”, uma iniciativa que procura aferir a singularidade destes tempos de carência e contribuir para a renovação dos modelos de participação cultural. Na sua polivalência e ambição compreensiva, o Fórum que a Fundação Calouste Gulbenkian associou à celebração dos seus 50 anos, mostra afinal a cultura como evento, prática de cidadania, foco de desenvolvimento económico, espaço de reflexão e intervenção política. Como referia Homi Bhabha na sua lição inaugural *Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial*, demonstra a exigência de que “quando o mundo se torna sombrio, a ficção, a arte, a poesia, a teoria, a metáfora, vêm iluminar a nossa difícil situação cultural e política”. Que a teoria possa iluminar a difícil situação do estado do Mundo pareceria à partida um projecto de difícil execução, num momento que ainda vive o impacto da recusa da ambição explicativa da teoria, desencadeada no final dos anos 80 no âmbito das ciências sociais e humanas pela discussão *Against Theory* [“Contra a Teoria”]. As razões apresentadas contra a teoria são de vária ordem, mas podem resumir-se em dois pontos fundamentais: o amplexo totalitário de um modelo de pensamento abstracto que perdeu qualquer ligação ao real, e a ausência de intervenção social e política dos modelos conceptuais produzidos. Trata-se no fundo de desconstruir a teoria exercida de cima para baixo, por uma elite para um conjunto de conversos ensimesmados na sua torre de marfim. Trata-se afinal, também, de revelar a vacuidade ética, social e política da “grande teoria”.

A tarefa que a plataforma 2 de “O estado do Mundo” se coloca com as grandes lições sobre *A Urgência da Teoria* é por isso difícil e ousada, pois apresenta-se como projecto de recanonização da teoria em novo contexto, isto é, demonstra a necessidade de articular o pensamento crítico com a complexa realidade contemporânea, demonstrando a utilidade da razão para a educação do género humano e, acima de tudo, como refere Miguel Vale de Almeida na sua lição, a necessidade de “[...] sistematizar zonas de tensão crítica entre o analítico e o político”. A teoria de que aqui se fala surge assim como a *théoria* do pensamento grego que se afirma como projecto abrangente e crítico de intervenção no mundo, fornecendo modelos explicativos que contribuam para o que Aristóteles designava como “boa vida”.

O volume *A Urgência da Teoria* colige grande parte das lições apresentadas na plataforma, entre as quais se contam os trabalhos de Marc Ferro, Homi Bhabha, Paul Gilroy, Miguel Vale de Almeida, Pedro Magalhães, Danièle Cohn, Daniel Miller, Andy Pratt, Bernard Stiegler, António Cícero, Filipe Duarte Santos, Paul Miller e Mehdi Belhaj Kacem. Expondo um complexo mapa do modo como as ciências sociais e humanas, da Antropologia à Filosofia, passando pelos estudos culturais, pela Ciência Política e pela História, concebem o nosso difícil momento, esta obra apresenta, na sua diversidade, abordagens complementares e argumentos opostos, esboçados entre o pessimismo e a esperança, o realismo e a utopia. Concebe-se assim uma reflexão que se desloca do tópico ao u-tópico, que se ancora dentro dos limites académicos da disciplina e, nesse campo, reflecte sobre o a ciência e o estado do Mundo, como é o caso de Pedro Magalhães, para a Ciência Política, ou de Danièle Cohn, para a Estética; ou então que lança o projecto teórico como modelo explicativo da complexidade do humano, pugnando por uma realidade a vir, como o fazem Homi Bhabha ou Paul Gilroy. Na reflexão sólida e séria apresentada em *A Urgência da Teoria*, lê-se que é urgente dar uma nova centralidade ao pensamento crítico, que é urgente tratar a cultura não apenas como folclore dos Estados ou de minorias enclausuradas, como reduto do que Amin Maalouf denomina as “identidades assassinas”, mas como espaço de emergência de uma nova racionalidade ético-política. Tenta-se afinal tornar mais compreensível a nebulosa confusa do estado do Mundo. ■



Seifollah Samadian, "The White Station", 1999. DVD, p/b, som, 8'. Produzido por Tasvir Film Center. Cortesia de Silk Road Gallery, Teerão.

UM ATLAS DE ACONTECIMENTOS

O ESTADO DO MUNDO | PLATAFORMA 3

A *velocidade* como princípio estrutural fundamental do mundo moderno é uma proposição central da obra do influente teórico urbano Paul Virilio. Na sua visão do mundo, foi a busca da humanidade pela velocidade – ou por uma “aceleração lógica” – que operou uma transformação fundamental na sociedade moderna, visto estar na base do progresso tecnológico. A velocidade, para Virilio, é a essência da inovação na guerra e nos *media*, que, por sua vez, são os principais agentes que enformam o curso da História. Se concordarmos em assumir, então, que a velocidade e a aceleração – como fins em si próprias – caracterizam o mundo contemporâneo, então talvez não seja descabido pensarmos que estamos cada vez mais incluídos no meio de um contínuo de acontecimentos, onde um substitui o outro sem pausas para considerações ou para consequências. Num instante, surgem novas crises políticas, económicas e ecológicas com uma frequência e uma previsibilidade perturbadoras, enquanto, aparentemente de um dia para o outro, os modos de vida rurais desaparecem e as aldeias se transformam em cidades florescentes; com o simples clicar de um botão, a capital global viaja através de continentes, o que tem ramificações económicas colossais. Nestas condições, como Virilio avisa, uma cultura de amnésia tem tendência a reinstalar-se no quotidiano.

Esta evidência de uma velocidade que existe sem meta e sem finalidade – já que nem a religião nem a arte como fins hegelianos a atingir são hoje creíveis – é indissociável

da globalização e das suas componentes, que exigem uma crítica da contemporaneidade. E a crítica e a reflexividade que lhe está associada não são exclusivas da produção teórica, nem da epistemologia disciplinar. Recorrendo aos sentidos plurais possíveis às mais variadas formas que as linguagens visuais contêm, é possível escapar ao monolitismo dos *media* e à hegemonia do império da produção de informação?

Dadas estas circunstâncias, o que podemos fazer? O que podemos nós, enquanto artistas e curadores, legitimamente alcançar, trabalhando dentro dos reinos privilegiados da criação e da disseminação artísticas?

É neste pano de fundo de incerteza intensa – sentido a um nível individual, local, regional e internacional – que propomos *Um Atlas de Acontecimentos*, uma exposição colectiva de artistas oriundos de diferentes partes do mundo, cujas abordagens pessoais e sociais às suas respectivas práticas artísticas sublinham dilemas, histórias, narrativas e perspectivas que poderiam, de outra forma, ser negligenciadas ou ignoradas. Esta exposição não tenciona ser, de modo algum, totalmente abrangente. Isso seria, claro, uma tarefa impossível. Em vez disso, trata-se de um esforço modesto e, esperamos, significativo, para juntar visões do mundo muito diferentes, apresentadas por artistas que nos oferecem reflexões cuidadosamente observadas, que revelam a complexidade da forma como o “político” é sentido de um modo simples e quotidiano, pedindo a cada um de nós que

7 OUTUBRO – 30 DEZEMBRO 2007

Galeria de Exposições Temporárias da Sede

Terça a sexta: 10h-18h / Sábado: 10h-22h / Domingo: 10h-18h

ARTISTAS PRESENTES

Adel Abdessemed, Ângela Ferreira, Camila Rocha, Eduardo Sarabia, Erinç Seymen, Josephine Meckseper, Kelley Walker, Mai-Thu Perret, Michael Rakowitz, Minouk Lim, Mircea Cantor, Nasan Tur, Nontsikelelo 'Lolo' Veleko, Paul Chan, Paulo Nozolino, Pieter Hugo, Robin Rhode, Rodney McMillian, Rosana Palazyan, Rui Toscano, Santiago Cucullu, Sebastián Díaz Morales, Seifollah Samadian, Sergio Vega, Sophie Ristelhueber, Sze Tsung Leong, Yael Bartana e Yun-Fei Ji

CURADORES

António Pinto Ribeiro, Debra Singer e Esra Sarigedik



Yun-Fei Ji, "The Garden of Virtuous Administrators", 2003.
Coleção privada, cortesia de Zeno X Gallery, Antuérpia.

repensemos as nossas suposições acerca das condições que estão para lá das nossas experiências.

Esta complexidade está, muitas vezes, patente nas estratégias de crítica indirecta empregue por estes artistas. Tais estratégias abordam temáticas socioeconómicas ou políticas a partir de uma perspectiva oblíqua, criando também obras que parecem personificar paradoxos – que contêm ideias conceptuais ou emocionais aparentemente opostas em permanente tensão. Talvez como reacção a estas noções de tempo que prevalecem na contemporaneidade da idade digital, muitos mostram-se contra as ideias instantâneas e escolhem, em vez disso, envolver-se em meios de produção bastante tradicionais, que assentam no trabalho manual e não na alta tecnologia. Abordam também uma ironia fundamental da nossa realidade contemporânea: embora a velocidade, a facilidade e a prevalência expansiva da interconectividade tecnológica e das redes de sociedades virtuais prometam todas novas possibilidades de comunicação, criam também, paradoxalmente, novas barreiras ao conhecimento e à compreensão, além de sentimentos de isolamento e alienação.

Esta exposição é uma resposta oblíqua ao estado actual do mundo. Os jogos de poder entre os Estados-nação, o controlo das fronteiras, as guerras religiosas e a arrogância e o populismo vergonhosos dos políticos em todos os cantos do mundo tornaram-se a imagem de marca deste século. As técnicas padronizadas do arsenal político incluem tentativas de apagar a memória pública, rejeitar as lições da História, alterar a face do "inimigo" de um dia para o outro. Estas parecem ser técnicas familiares do marketing de produto, onde o novo é sempre melhor e o velho está simplesmente à espera de ser descartado.

Grande parte da população mundial parece estar quase anestesiada perante este ataque devastador de desonestidade e burla, encontrando-se também susceptível a todos os novos mecanismos económicos ou políticos que a mantêm receosa, mas, ainda assim, a consumir de forma produtiva. Em todo o mundo, a discussão complexa em torno da política é desacreditada. As novas soluções simplistas atulham os meios de comunicação. Embora o "bem contra o mal" careça de qualquer relação próxima com a experiência quotidiana, ainda consegue atrair um amplo apoio. Cada vez mais, o cepticismo tradicional do "o quê, porquê, como e para quem" é posto de lado em favor de uma aceitação mais passiva perante as ameaças de violência e o dogmatismo religioso ou ético.

Nestas circunstâncias, acreditar que a arte pode alterar alguma coisa não é fácil. Mas a experiência de uma afirmação individual não repõe qualquer sentido de possibilidade nesta equação, dando-nos – *in pars pro toto* – uma visão global subjectiva e potencial do que se está actualmente a passar no mundo. Muitas das obras patentes nesta exposição apresentam ideias que são capturadas num momento de urgência – a urgência da produção, a urgência da partilha e a urgência da recusa de permanecer calado. Em alguns casos, os artistas abordam preocupações mais vastas e mais gerais que assolam o mundo, seja a adaptabilidade infinita do capital, as reflexões sobre um consumismo dominante à escala global, a devastação da paisagem, a história e a cultura perdidas, ou o medo do futuro. Noutros casos, os artistas abordam as suas próprias experiências de vida, ou os dilemas particulares do seu próprio país ou da sua própria região geográfica, tais como as mudanças urbanas radicais, a proliferação dos meios de produção e de distri-



Nasan Tur, "Arms", 2006. Vista da instalação em Villa Manin - Centro d'Arte Contemporanea, Codroipo, Itália. © Nasan Tur

buição ou a resposta a condições caóticas ou violentas. Cada artista cria obras que reagem de forma particular ao estado do Mundo, e nessas obras estão presentes contos admonitórios, mas também contos que não abandonam a esperança. Dentro do niilismo negro circulante, existe também a possibilidade de uma mudança positiva. Num mundo instável, estas obras tentam propor um caminho em direcção a uma nova espécie de equilíbrio. Também seríamos capazes de desenvolver novos sinais e novas atitudes afirmativas que nos poderiam ajudar a visualizar um futuro mais promissor, onde, juntamente com a hostilidade, poderíamos encontrar a hospitalidade e onde os dogmas poderiam ser substituídos pela dúvida mundial como método de conhecimento e de criação.

Apesar de não pensarmos que a arte pode alterar alguma coisa, *per se*, esperamos que esta exposição possa colocar em relevo as preocupações particulares relativas à raiva das distintas condições actuais históricas e sociopolíticas, de forma a levar-nos a questionar, para além das paredes da galeria, a versão plástica prevalente dos "certos, errados, inimigos e amigos", e a examinar até que ponto as opiniões são dadas, recebidas ou alcançadas através de um processo de investigação pessoal e séria. Este processo foi já atravessado por cada um dos artistas para produzir o seu trabalho. As considerações deles estão agora a circular na esfera pública, intercaladas nas intenções das suas obras, nas percepções da realidade exterior actual e na história dos acontecimentos recentes.

DEBRA SINGER

Debra Singer é a directora executiva e curadora principal de The Kitchen, um dos mais antigos espaços nova-iorquinos sem fins lucrativos dedicados à arte multidisciplinar e à performance. No The Kitchen, organizou recentemente exposições de Matthew Buckingham e Joachim Koester, Edgar Arcenaux, Walid Raad/The Atlas Group, e Yto Barrada, entre outros, bem como uma exposição colectiva recente, intitulada JUST KICK IT TILL IT BREAKS, com a participação de 11 artistas, incluindo Carol Bove, Bozidar Brazda, Gardar Eide Einarsson, Adam Helms, Cory McCorkle, e Josephine

Meckseper. Antes de ser nomeada para o cargo que ocupa, desde Julho de 2004, no The Kitchen, trabalhou durante muitos anos como curadora associada de arte contemporânea no Whitney Museum of American Art. No Whitney foi co-curadora das Bienais de 2002 e 2004, organizou inúmeras exposições individuais de projectos novos ou encomendados, que contaram com artistas como Joseph Grigely, Jennifer Pastor, Paul Pfeiffer, Paul Sietsema e Sarah Sze, além de ter trabalhado também como curadora principal para a performance. Fora do The Kitchen, Debra Singer lecciona em universidades e escolas de arte por todo o país, participa activamente em júris e painéis para as artes visuais e performativas e colabora em revistas de arte como a *Artforum*.

ESRA SARIGEDIK ÖKTEM

Esra Sarigedik Öktem é curadora e escritora, vive em Istambul. Trabalhou recentemente como curadora no Van Abbemuseum, em Eindhoven, onde organizou exposições individuais de Avi Mograbi, Pavel Büchler e Erinc Seymen. Como curadora independente, organizou também uma exposição colectiva intitulada *Somebody Else's Problem*, que apresentou Nevin Aladag, Nazli Batirbaygil, Basir Borlakov, Jewyo Rhii, Perttu Saksa, Bojan Sarcevic, Johan Svensson, Nasan Tur e Secil Yersel, no Bilsar Building, em Istambul, em Novembro de 2004. Entre 2004 e 2005, trabalhou como curadora-assistente na 9.ª Bienal Internacional de Istambul, cujos curadores foram Charles Esche e Vasif Kortun e cuja organização esteve a cargo da Istanbul Foundation for Culture and Arts. Em 2003, foi curadora-assistente no Rooseum Center for Contemporary Art, em Malmö, na Suécia, e curadora assistente da 3.ª Bienal de Berlim, cuja curadora foi Ute Meta Bauer. As suas comunicações públicas mais recentes incluem as que foram proferidas na Maumaus – Escola de Artes Visuais (Lisboa), Stichting Cultural Aid (Utreque), Van Abbemuseum (Eindhoven), Berlin Fine Arts Academy (Berlim), Trondheim Art Academy (Noruega) e OCA (Office for Contemporary Art, Oslo).

ANTÓNIO PINTO RIBEIRO

António Pinto Ribeiro é o programador geral do Fórum Cultural "O estado do Mundo" e coordenador do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Foi director artístico da Culturgest, em Lisboa (1993-2004). Lecciona em diversas universidades em todo o mundo e foi já curador de várias exposições internacionais. Colabora também regularmente com revistas especializadas em estética, teoria artística e culturas e programação cultural. É o autor de *Corpo a Corpo*, *Ser feliz é imoral?*, *Melancholia* e *Abrigos*, entre outras obras. ■

www.gulbenkian.pt/estadodomundo | www.o-estado-do-mundo.blogspot.com

EMÍLIO RUI VILAR NA ABERTURA DO ANO ESCOLAR DO CEJ

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian foi o orador convidado para a abertura do ano escolar do Centro de Estudos Judiciários, em Setembro. Emílio Rui Vilar falou sobre “Gestão, auto-regulação e boas práticas”, defendendo que as empresas e as organizações em geral devem assumir uma cidadania corporativa, baseada numa ética de responsabilidade, a que não é alheia, entre outras obrigações, a transparência e a responsabilidade social. Partindo da ideia de que “um tribunal é uma organização” em que “o magistrado é o primeiro responsável pela sua gestão”, Emílio Rui Vilar defendeu que os magistrados não devem ser “decisores isolados numa torre de marfim” e que as suas acções se devem orientar no sentido de gerirem com a máxima eficiência a “cadeia de produção” em que consiste a administração da justiça, composta por diferentes intervenientes, dentro e fora dos tribunais. O presidente da Fundação sublinhou também que os tribunais e os agentes da justiça não podem ficar alheios às mudanças que hoje ocorrem, defendendo que deveriam igualmente adoptar práticas de transparência e de *accountability*, tal como as restantes organizações. ■



PROGRAMA GULBENKIAN CRIATIVIDADE E CRIAÇÃO ARTÍSTICA CURSO DE FOTOGRAFIA EM NOVA EDIÇÃO

A 2ª edição do Curso de Fotografia, organizado no âmbito do Programa Gulbenkian de Criatividade e Criação Artística, terá lugar de 11 de Fevereiro a 18 de Abril do próximo ano. As candidaturas devem ser apresentadas até 15 de Outubro por todos os interessados entre os 22 e os 35 anos, que tenham já um percurso académico ou profissional relacionado com a fotografia ou a arte. Este curso teórico-prático vai ser orientado para a produção fotográfica como meio de expressão artística e contará com a participação de sete professores com percursos distintos nesta área, respectivamente Carol Squiers, Horácio Fernández, Lynne Cohen, Olivier Richon, Rosangela Rennó, Sérgio Mah e Timm Rautert. ■ *Mais informações: 21 782 30 66*
www.programacriatividade.gulbenkian.pt

MEDALHA DE MÉRITO TURÍSTICO PARA A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A Fundação Calouste Gulbenkian foi distinguida com a Medalha de Mérito Turístico atribuída pela Secretaria de Estado do Turismo, num gesto de reconhecimento pela sua contribuição para este sector, pelo fluxo de visitantes que tem atraído ao longo de 50 anos de existência. A cerimónia de entrega da medalha teve lugar no Funchal a 27 de Setembro, Dia Mundial do Turismo. A Fundação esteve representada pelo administrador Eduardo Marçal Grilo. ■

FADO E NOVAS TENDÊNCIAS NO ATLANTIC WAVES 2007

Com nove estreias mundiais e várias estreias no Reino Unido, a edição deste ano do Atlantic Waves faz regressar o eclectismo musical aos palcos londrinos. De 1 a 11 de Novembro, o cosmopolita festival organizado pela Delegação de Londres da Fundação Gulbenkian apresenta 22 concertos, com mais de 70 artistas de todo o mundo: Portugal, Brasil, Cabo Verde, Israel, Lituânia, Geórgia, Reino Unido, Finlândia, Dinamarca, Canadá, Japão e Austrália, entre outros. A receita mantém-se fiel ao princípio de singularidade que pautou as seis edições anteriores. O fado tão português e atlântico é actor principal em dois serões, com as Grandes Divas do Fado (no Queen Elizabeth Hall) e Mestres da Guitarra Portuguesa (St. Giles Cripplegate). Três noites estão reservadas à exploração soundclash, tecno/electro e ghettotrash (em Cargo), e as restantes três à electrónica de experimentação audiovisual de nível mundial (ICA). O Atlantic Waves tem o apoio do Turismo de Portugal, da *Soglines Magazine*, da revista *Jungle Drums* e da Rádio Resonance. ■ *Mais informações no site www.atlanticwaves.org.uk.*

DESENHOS DE FERNANDO CALHAU EM GUIMARÃES

Das centenas de desenhos de Fernando Calhau da colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão estão em exposição no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães. A mostra, comissariada por Nuno Faria, integra obras realizadas entre 1965 e 2002 abarcando, deste modo, todo o percurso artístico de Calhau. A exposição pode ser visitada até ao dia 30 de Dezembro, de terça a sábado das 10h00 às 12h30 e das 14h00 às 19h00 e também aos domingos e feriados das 14h00 às 19h00. ■

VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

A primeira visita do novo ciclo dedicado aos Jardins Gulbenkian decorreu em Setembro passado com a participação de Gonçalo Ribeiro Telles, um dos arquitectos que esteve na origem do projecto inicial do Parque Gulbenkian e também da sua recente remodelação. Perante cerca de três dezenas de pessoas, Ribeiro Telles explicou algumas das opções do seu projecto de renovação do jardim, no quadro da Paisagem do Século XXI, e dos seus desafios futuros. Ainda no âmbito deste ciclo decorreram algumas actividades para famílias, nas quais, entre outras propostas, se aprendeu a técnica de construção de teias de aranha. ■





EDUCAR A CRIANÇA

MARY HOHMANN, DAVID P. WEIKART (4ª EDIÇÃO)

Este livro é simultaneamente um manual e um relato de experiências no campo da educação pré-escolar. Os autores partem do programa High/Scope da Fundação High/Scope em Ypsilanti (EUA) para apresentarem as suas teorias e práticas sobre a aprendizagem através da acção. As 800 páginas que o compõem, apresentam exemplos variados sobre a interacção das crianças em idade pré-escolar ou com necessidades especiais, numa perspectiva de aprendizagem partilhada entre os adultos e as crianças. ■

ÚLTIMOS ESCRITOS SOBRE A FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

LUDWIG WITTGENSTEIN



Considerado por muitos o filósofo mais influente do século XX, Wittgenstein dedicou toda a sua vida à reflexão e à indagação com o objectivo de alcançar a “clareza total”. Os Últimos Escritos Sobre a Filosofia da Psicologia constituem uma selecção de manuscritos publicados anteriormente em dois volumes, em 1982 e 1992. O conjunto de textos agora apresentado é o resultado das derradeiras reflexões do filósofo que se centram no estudo da linguagem natural, da sua gramática e dos seus múltiplos jogos.

O texto original de Wittgenstein foi traduzido por António Marques, Nuno Venturinha e João Tiago Proença, três nomes de relevo no estudo da filosofia da linguagem em Portugal. ■

HISTÓRIA DO CONSTITUCIONALISMO MODERNO NOVAS PERSPECTIVAS

HORST DIPPEL



Com o rigor e a perspicácia que lhe são atribuídos, o historiador da Universidade de Kassel olha de forma abrangente o Constitucionalismo moderno nesta obra inédita. Horst Dippel foca, em particular, as Revoluções Francesa e Norte-americana, peças-chave para a compreensão dos princípios que vão orientar a edificação do Constitucionalismo dos finais do século XVIII e meados do século XIX. Estes são princípios que se impõem nos dois séculos seguintes: a soberania popular, os direitos humanos, a separação dos poderes, o governo representativo e o primado da Constituição. Dippel salienta, no entanto, que não lhe precedia “a intenção de apresentar uma História completa do constitucionalismo moderno deste período”. Pretende sim dar “alguns pontos de realce, que possam servir de estímulo e ponto de partida a ulteriores considerações e investigações”. O professor António Manuel Hespanha desafiou Horst Dippel a escrever este volume, como colheita do seminário “História da Constituição e do Estado (Séc.XIX), organizado pela Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, em Janeiro de 2003. ■

A MÚSICA NOS MUSEUS DE HOJE

Nome: Giles Teixeira*

Idade: 28 anos

Área: Museologia



O QUE O LEVOU A ESCOLHER A UNIVERSIDADE DE LEICESTER?

O mestrado em Museum Studies da Universidade de Leicester tem uma sólida reputação internacional, dispondo de um ensino altamente respeitado e reconhecido pela respectiva comunidade académica e profissional. A sua mais-valia e especificidade é o seu excelente programa de estudos. Ao incidir sobre os aspectos-chave da Museologia – Museums, Societies and Cultural Change; Strategic Resource Development; Communication, Media and Museums –, privilegia uma abordagem lata das problemáticas museológicas contemporâneas. Optei por fazer um mestrado nesta área porque o museu já não é uma instituição estática, mas antes uma estrutura aberta e permeável que abarca e interliga diversas dimensões culturais. Devido à sua natureza multidisciplinar e transversal, o universo museológico representa um estimulante e precioso campo de aprendizagem para qualquer agente cultural, em qualquer esfera cultural. O mestrado foi uma experiência extremamente positiva, pois forneceu-me as ferramentas necessárias para uma boa carreira no sector e permitiu-me ter um precioso contacto cultural com pessoas de diversas nacionalidades.

QUE TEMÁTICA DESENVOLVEU?

A tese teve por título: *Is there Place for Music in Art Galleries?* Dada a minha formação em música e o meu interesse por arte, procurei escolher um tema original que, inserido num contexto museológico, fundisse essas duas áreas culturais. Como o título sugere, a tese visou (re)considerar qual o lugar e o papel da música nos museus de arte da cultura ocidental de hoje. O objectivo principal da investigação foi compreender e analisar porquê, de que modo e até que ponto a música influencia ou interfere na experiência museológica (de arte) do público. Concluiu-se que a introdução da música no espaço expositivo cria novos enquadramentos interpretativos, o que permite que diferentes públicos questionem e estabeleçam diversas relações

e negociações de sentido com a arte. A música pode contribuir, assim, para uma experiência museológica mais enriquecedora, seja ela de natureza emocional, educativa, recreativa ou mesmo social.

ONDE REALIZOU O ESTÁGIO FINAL?

O estágio teve lugar no Art Gallery Department do Barbican Centre, em Londres, onde fiz parte da equipa responsável pelo marketing. O estágio teve por objectivo abordar o maior número de tarefas específicas do marketing cultural, e consistiu, *grosso modo*, na pesquisa e desenvolvimento de estratégias de promoção e de cativação e manutenção de públicos. Sendo o maior centro multiartístico da Europa, foi fascinante viver o ritmo de trabalho dinâmico, concertado e, sobretudo, eficiente. O período de estágio representou uma experiência singular e inesquecível, quer ao nível do trabalho, quer ainda ao nível da excelente oferta cultural da cidade de Londres. ■

*bolseiro do Serviço de Belas-Artes na Universidade de Leicester

O FASCÍNIO DA NAVEGAÇÃO POR SATÉLITE

Nome: *Maria de Fátima Nunes Bento**

Idade: 33 anos

Área: *Engenharia Aeroespacial*



QUAL O PERCURSO ACADÉMICO ATÉ AO DOUTORAMENTO?

Desde 1998 que a navegação por satélite tem vindo a ser alvo dos meus interesses académicos. O meu trabalho final de curso foi pioneiro nesta área. Tratava-se de um *software*, desenvolvido por mim, ao qual dei o nome de “Navscaat” (Navegação por satélite para controlo automático de uma antena de telemetria). Tinha como objectivo o controlo automático de uma antena de telemetria, com base na informação recebida pelo receptor de posicionamento e navegação por satélite americano, o GPS. Naquela altura ainda não era muito comum ouvir falar no GPS, por isso lembro-me de que a minha apresentação no *workshop* de Engenharia Aeroespacial, que decorreu no IST em 1999, foi um verdadeiro sucesso. A partir de então, resolvi frequentar alguns cursos no âmbito da navegação por satélite, todos eles realizados no estrangeiro. Foi assim que, passo a passo, me fui apercebendo da dimensão que esta área tinha e daquela que poderia vir a adquirir com o surgimento do Galileo (o sistema europeu de posicionamento e navegação por satélite). Pertencendo eu à Força Aérea Portuguesa, fazia todo o sentido começar a interessar-me verdadeiramente por essa área. Assim foi. Em 2003, iniciei o meu mestrado em posicionamento e navegação por satélite, no Departamento de Matemática Aplicada da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (era o segundo ano de existência desse mestrado na FCUP). Como resultado do trabalho de investigação que desenvolvi ao longo da minha tese de mestrado, apresentei, internacionalmente, algumas publicações. Tendo gostado da experiência, senti que estava preparada para avançar para algo mais sério, para o doutoramento. Em Julho de 2006, de entre várias opções, decidi-me pela cidade de Munique (“Capital do Galileo”, como eu a costumo chamar!) para iniciar o meu doutoramento.

QUAL O TEMA DE INVESTIGAÇÃO?

Fazendo eu parte do corpo docente da Academia da Força Aérea (AFA), tentei seguir um tema que fosse ao encontro

não só dos meus interesses, como também dos interesses da AFA. A Academia é uma escola universitária que se encontra estruturalmente vocacionada para a realização de trabalhos de investigação. Um dos actuais projectos em desenvolvimento está relacionado com o desenvolvimento de aeronaves não tripuladas (UAV), como sistemas integradores e demonstradores de tecnologia. O meu trabalho incide fundamentalmente na parte da navegação de UAV, recorrendo para tal a sensores de baixo custo aquando integrados com o sistema de posicionamento americano e europeu. Isto é, desenvolvimento de um algoritmo, com características específicas, capaz de integrar a informação recebida por diversos sensores, localizados a bordo do UAV, com os sistemas de navegação GPS e Galileo para *feedback control*. A oportunidade de estar a fazer o doutoramento na Universidade de Munique, dar-me-á a possibilidade de efectuar os ensaios em voo na estação de teste e desenvolvimento do sistema Galileo (Galileo Test and Development Environment – GATE), localizada em Berchtesgaden, Munique.

PROJECTO FUTUROS...

Regressar a Portugal! Regressar a Portugal!

Se por um lado a comidinha de Portugal é bem melhor... por outro lado, desejo também poder voltar a contribuir para o ensino na AFA. Por sua vez, o grupo de trabalho ligado ao projecto dos UAV está em fase de crescimento, estando de certo à espera do meu humilde contributo na parte da investigação relacionada com a navegação por satélite de UAV. Espero de certa forma poder vir a colaborar em outros projectos, partilhando com os meus camaradas as coisas boas que por aqui vou aprendendo...

Por fim, devo também dizer: tenho saudades da família e dos amigos!!!... ■

** bolsreira do Serviço de Educação e Bolsas na Universidade de Munique*

VASCO ARAÚJO

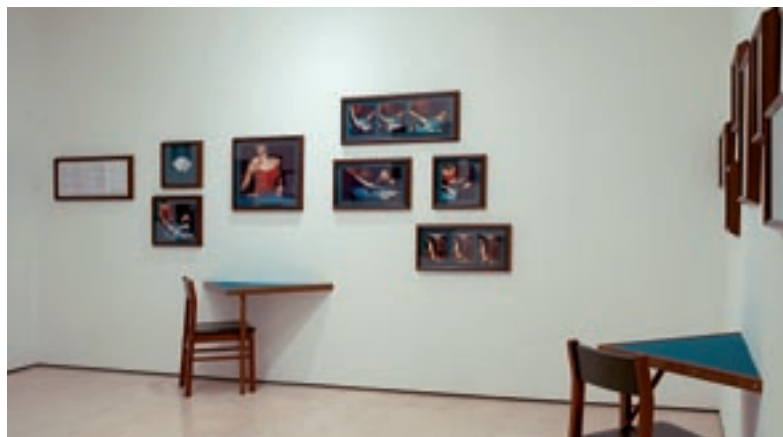
A HAND OF BRIDGE

O nome da instalação decalca o nome de uma ópera de Samuel Barber, no século XX.

Trinta e quatro elementos na parede – fotografias e folhas escritas; quatro cantos de mesa triangulares e forrados a feltro verde; quatro cadeiras também verdes. É este o cenário em que um jogo duplo se desenvolve: o bridge e a sedução.

Vinte e oito fotografias documentam vários momentos do jogo – os rostos iluminados sobre a mesa, os planos das mãos, o olhar pensativo, as cartas no ar prestes a serem jogadas ou já na mesa, o *suspense*, a figura do “morto”, o leilão, o ponto de vista de um observador já fora do jogo. Paralelamente, há um código gestual e uma série de pequenas acções em que a expectativa amorosa se inscreve: o vestido de noite, os planos do busto e das pernas dela, a troca de olhares, o sapato semidescalço, o pé dela na bainha das calças dele, os copos de vinho.

As cartas são omnipresentes: surgem nas fotografias, existem como baralhos reais abertos e colados sobre feltro verde em quatro painéis emoldurados; e aparecem finalmente no texto manuscrito que invade as folhas pautadas de quatro outros painéis emoldurados – a Rainha de Espadas, a Rainha de Copas, o Rei de Paus e o Valete de Copas são os personagens referidos em cada um dos textos. Alguém identifica e descreve atitudes gestuais: o encontro das mãos e dos joelhos, os signos subtis, os olhos lânguidos, a afectação, a voz, os cochichos, as cumplicidades. Todos são escritos na primeira pessoa, apesar do aspecto fragmentado e impessoal de algumas passagens: “estou à margem da cena e no entanto extremamente atento” (texto 4).



A linguagem verbal, profusa e desenhada quase como um capricho caligráfico e infantil, mas assumida com toda a responsabilidade de um depoimento sério, é a grande ausente dos ambientes fotografados, onde é substituída por outros códigos. Reis e rainhas tomam vestes contemporâneas e jogam o seu potencial de sedução e desejo com a avidez necessária a tudo o que se consome rapidamente e no tempo de uma cena sobre um palco. No entanto, “nenhuma cena tem um sentido, nenhuma evolui para um esclarecimento ou transformação, todas fazem parte do grande teatro do mundo” (texto 4).

A luz comprime a voz e os gestos, nas salas fotografadas e no espaço em que a instalação é criada. Cada parede, cada mesa vazia, cada canto, convertem o espaço numa possibilidade narrativa, dão a respirar uma espessura ambiente. Uma das personagens diz: “Vivo sob a ordem do excessivo ou do insuficiente; ávido de coincidência, tudo o que não é total me parece parcimonioso.” Há uma latência do arrebatamento. É também na quantidade que se joga a indecisão, a ilegibilidade necessária ao fascínio, “um lugar onde as quantidades não se percebam” (texto 2); um lugar fechado onde se cria um mundo de deambulação interior.

■ **Leonor Nazaré**

Vasco Araújo, A Hand of Bridge, 2004

fotografias a cores, folhas pautadas manuscritas, cadeiras e mesas de jogo; dimensões variáveis; n.º inv.: 04E1273

Esta obra está actualmente exposta na Sala de Exposições Temporárias do CAM até 31 de Outubro

PABLO PICASSO



UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

Surgidos em meados do século XVIII, os designados “catálogos raisonnés” – que em português podem chamar-se “catálogos de obra” –, constituem-se como valiosos instrumentos de trabalho, uma vez que fornecem um conjunto exaustivo de informação sobre o trabalho de um artista. Neste conjunto incluem-se a reprodução (a cores e a preto e branco) de cada uma das peças, o título, a datação, as dimensões, os materiais, assim como também o seu historial (a proveniência, as exposições em que foi exibida, as coleções particulares e públicas a que pertenceu, os leilões e respectivos preços), a bibliografia disponível e apontamentos sobre a sua contextualização na história da arte do seu tempo e a sua importância no conjunto da produção do artista.

Em 1932, iniciou-se a publicação do catálogo raisonné de um dos mais criativos e prolíferos artistas do século XX: Pablo Picasso (1895-1973). Era o primeiro volume de uma obra que se adivinhava monumental, da responsabilidade da editora Cahiers d'Art, propriedade de Christian Zervos. Zervos nasceu na Grécia em 1889, mas radicou-se na capital francesa no início da década de 1920. Foi em Paris que desenvolveu a sua carreira como autor e editor, tendo começado por escrever artigos para a revista *L'Art d'aujourd'hui*. Em 1926, fundou a sua própria revista que intitulou *Cahiers d'Art*, nome que também deu à sua editora. Enquanto editor, Zervos teve um papel decisivo na divulgação de textos de artistas como, por exemplo, Paul Klee (1929) e W. Kandinsky (1930). Por outro lado, o seu interesse por manifestações artísticas para além da arte sua contemporânea levou-o

a editar obras como *L'art des Cyclades, du début à la fin de l'âge du bronze, 2500-1100 avant notre ère* (1957). Apesar de ter dedicado vários estudos às diferentes dimensões da muito plural produção artística de Picasso, a edição do catálogo raisonné do artista foi, sem dúvida, a obra da vida de Zervos. Até 1970, ano da sua morte, foram publicados, pela Cahiers d'Art, 23 volumes, cada um deles dedicado a um período cronológico da produção artística de Picasso. Os restantes volumes, num total de 33, foram publicados sob a responsabilidade de M. Gagarine, até 1978. Actualmente, o catálogo raisonné de Pablo Picasso tem vindo a ser disponibilizado em versão digitalizada acessível através da Internet – On-Line Picasso Project (<http://picasso.tamu.edu/picasso>) –, permitindo, deste modo, que um público mais vasto tenha conhecimento da totalidade da obra do artista. A edição que Christian Zervos iniciou em 1932, e que a Biblioteca de Arte possui entre os títulos do seu fundo documental, continua, porém, a constituir-se como um dos marcos da edição de livros de arte do século XX. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP *Sociedade Nacional de Bellas-Artes : primeira exposição, 1901*

PUBLICAÇÃO Lisboa : Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1901 : Typ. da Companhia Nacional Editora 1901

DESCR. FÍSIC 80 p., [11] f. il. : il. estampas ; 18 cm

NOTAS Obra publicada por ocasião da exposição organizada e patente na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1901

COTA(S) AHP 5840 res

PIERRE GARNIER

SECRETÁRIA, ESTANTE, ESCRITÓRIO

Pierre Garnier foi um ebanista que se notabilizou não só pelas suas qualidades técnicas e artísticas, mas também por ser um dos precursores do Neoclassicismo. Nasce em Paris em 1720, no Faubourg Saint-Antoine, onde a sua família, com tradição na ebanisteria, estava estabelecida. Começa a trabalhar na oficina do pai e depressa o seu talento é reconhecido. Em 1742, alcança o grau de mestre e torna-se num dos ebanistas mais requisitados da época. A sua clientela é constituída por uma elite do mais alto estrato social e também pelos espíritos mais avançados da época. Um dos seus principais clientes é o marquês de Marigny, irmão da Madame Pompadour e que foi um dos grandes impulsionadores do Neoclassicismo.

Esta secretária de linhas direitas, folheada a pau-rosa moldurado a amaranto, apresenta tampo rectangular de cantos cortados. Este tampo é revestido a marroquim castanho avermelhado enquadrado por uma grega dupla com malmequeres, gravados a ouro. A cintura é tripartida, com três gavetas separadas por um motivo canelado, em consola, de bronze cinzelado e dourado. A gaveta central apresenta uma entrada de fechadura decorada com dois ramos de carvalho que se cruzam. As gavetas laterais possuem urnas, de bronze cinzelado e dourado, enquadradas por uma grega simples de onde pendem festões e grinaldas de loureiro, que se destacam do móvel para se transformar em puxadores. As faces laterais da cintura são decoradas apenas com uma roseta de bronze cinzelado e dourado. As pernas afiladas, de secção quadrada, possuem esquinas vivas, realçadas por uma corda também de bronze dourado. Os pés são calçados por motivos vegetalistas e terminam em bola.

A estante, de linhas direitas, tem sete compartimentos de batente, forrados a couro e rematados com um motivo igual ao do tampo da secretária, gravado a ouro.

O escritório, rectangular, é decorado a toda a volta por um friso de rosetas entrelaçadas. Não se sabe se esta peça foi feita para este conjunto se para outro semelhante.



A secretária de linhas arquitectónicas e silhueta pesada contrasta com muita da produção que ainda se vinha a fazer, de gosto rococó. Garnier, seguindo de início o gosto mais divulgado, a partir dos anos 1760 adopta definitivamente o Neoclassicismo, utilizando nos seus móveis uma gramática decorativa “à grega” muito do seu agrado – festões, gregas, rosáceas, urnas, colunas, capitéis, caneluras.

Este conjunto (secretária, estante e escritório) irá estar presente na exposição *Retorno ao Antigo. Nascimento do Neoclassicismo em França. 1750-1775* que será inaugurada em Fevereiro do próximo ano, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian. Esta exposição integra muitas peças pertencentes ao Museu do Louvre, e também ao Património Nacional de Espanha e ao Museu Calouste Gulbenkian. ■ **Clara Serra**

Secretária, estante e escritório

Paris, c.1762-1765

Estrampilha: P. GARNIER. JME

Estrutura em carvalho e pinho, folheados a pau-rosa e amaranto; (no escritório as mesmas madeiras, mais noqueira); bronzes cinzelados e dourados; couro (marroquim)

Secretária: A. 77 X L.162 X Prof. 80 cm

Estante: A. 68 X L. 80 X Prof. 31 cm

Escrritório: A. 9 X L. 36 X Prof. 21 cm

Prov. Coleção Marechal-Duque de Biron (séc. XVIII) e seus descendentes. Adquirido por intermédio de Graat & Madoulé, na venda da colecção do Marquês de Biron, em Junho de 1914.

Inv. 37

AGENDA

OUTUBRO

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerra às segundas-feiras]



7 OUTUBRO A 30 DEZEMBRO

UM ATLAS DE ACONTECIMENTOS FÓRUM CULTURAL O ESTADO DO MUNDO PLATAFORMA 3

10h00 às 18h00, Terça a domingo
10h00 às 22h00, sábados

Curadores: Debra Singer, Esra Sarigedik e António Pinto Ribeiro
€3

Galeria de Exposições Temporárias da Sede

AINDA PODE VER...

ATÉ 21 OUTUBRO

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAMJAP CAMJAP, Piso 01 e 1

ATÉ 21 OUTUBRO

FERNANDO CALHAU SEM TÍTULO #337 (2002) CAMJAP, Piso 0

ATÉ 31 OUTUBRO

BRUNO PACHECO. VASCO ARAÚJO CAMJAP, Galeria de Exposições Temporárias

ATÉ 6 JANEIRO 2008

OS GREGOS TESOUROS DO MUSEU BENAKI, ATENAS Galeria de Exposição Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian



ATÉ 6 JANEIRO 2008

UMA OBRA EM FOCO

A RELIGIÃO NA GRÉCIA ANTIGA: DEUSES DO OLIMPO REPRESENTADOS NA COLEÇÃO GULBENKIAN

Uma obra que ilustra a religião na Grécia Antiga através da imagem dos deuses do Olimpo, representados em moedas da Coleção. Esta amostragem de 58 espécies é complementar à exposição.

Galeria de Exposição Permanente do Museu

As Galerias de Exposição Permanente do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão estarão encerradas ao público entre 22 de Outubro e 22 de Novembro para montagem de novas exposições. A Galeria de Exposições Temporárias, a Livraria e a Cafeteria permanecerão abertas.

VISITAS TEMÁTICAS

Entrada livre. Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

ENCONTROS COM A COLEÇÃO

6, SÁBADO, 15H00

Revisitar o modernismo português,
por Sílvia Almeida

7, DOMINGO, 12H00

A obra de arte como sistema de comunicação,
por Susana Anágua

13, SÁBADO, 15H00

Fernando Calhau: tempo, vida, espaço,
por Sílvia Almeida

14, DOMINGO, 12H00

A arte como aproximação à paisagem,
por Carlos Carrilho

20, SÁBADO, 15H00

Revisitar a segunda metade do século XX,
por Susana Anágua

21, DOMINGO, 15H00

A matéria do desenho, por Ana Gonçalves

28, DOMINGO, 12H00

A coleção fora de portas - esculturas no Parque Ventura Terra, por Carlos Carrilho

€4 (entrada do museu)

CAMJAP

ENCONTROS IMEDIATOS

CONVERSAS À HORA DE ALMOÇO

12, SEXTA, 13H00

Encontro com o tempo eterno: Fernando Calhau,
por Sílvia Almeida

19, SEXTA, 13H00

Encontro com o tempo de um jogo: Vasco Araújo,
por Ana João Romana

Entrada Livre | 15 minutos

CAMJAP

Os GREGOS

TESOUROS DO MUSEU BENAKI, ATENAS

A PARTIR DO DIA 9, TERÇA

Terças e Quintas, 15h00

Visitantes com inscrição individual, sobre a hora
(com excepção de feriados)

Para grupos, contactar o Serviço Educativo

€4 (entrada do museu)

Museu

EVENTOS

25 e 26, QUINTA e SEXTA, 10H00 ÀS 18H00
A CIÊNCIA TERÁ LIMITES?
CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

16, TERÇA, 15H30
**ESTUDO COMPARATIVO SOBRE POLÍTICAS
DE INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES**
LANÇAMENTO EUROPEU

Para mais informações: tel.: 21 782 32 02 / 35 47
fax: 21 782 30 53 | mipi2006@gulbenkian.pt
Entrada Livre
Auditório 2

As Luzes da Grécia
CICLO DE CONFERÊNCIAS

no âmbito da exposição
Os Gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas
Coordenação de Maria Helena da Rocha Pereira

15, SEGUNDA, 18H00
EM VOLTA DO MILAGRE GREGO
Maria Helena da Rocha Pereira, Universidade de Coimbra

29, SEGUNDA, 18H00
POLIS E DEMOCRACIA: ONTEM E HOJE
José Ribeiro Ferreira, Universidade de Coimbra

Entrada livre
Auditório 3

MÚSICA

6, SÁBADO
VANGUARDAS/NOVAS VANGUARDAS

18H00
COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO. MIGUEL AZGUIME
Auditório 3

19H00
CORO GULBENKIAN
REMIX ENSEMBLE
Peter Rundel DIREÇÃO
Miguel Azguime e Emmanuel Nunes
Grande Auditório

7, DOMINGO, 12H00
CONCERTOS DE DOMINGO
Luísa Tender PIANO
Frei Jacinto do Sacramento, Carlos Seixas, Schubert,
Mozart, Bomtempo
Entrada livre
Átrio da Biblioteca

7, DOMINGO
VANGUARDAS/NOVAS VANGUARDAS

18H00
COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO. JEAN MARC CHOUVEL
Auditório 3

19H00
ENSEMBLE MODERN
Franck Ollu DIREÇÃO
Emmanuel Nunes
Grande Auditório

11, QUINTA, 21H00 | 12, SEXTA, 19H00
**ORQUESTRA GULBENKIAN
E CORO GULBENKIAN**
Simone Young MAESTRINA
Marius Brenciu TENOR
Schubert, Beethoven, Liszt
Grande Auditório

16, TERÇA, 19H00
CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA
QUARTETOS DE CORDE BERLIM I
QUARTETO ARTEMIS
Natalia Prishpenko VIOLINO
Heime Müller VIOLINO
Volker Jacobsen VIOLA
Eckart Runge VIOLONCELO
Beethoven, Stravinsky, Tchaikovsky
Grande Auditório

18, QUINTA, 21H00 | 19, SEXTA, 19H00
ORQUESTRA GULBENKIAN
Lawrence Foster MAESTRO
Soile Isokoski SOPRANO
Richard Strauss
Grande Auditório

23, TERÇA, 19H00
CICLO DE CANTO
Wolfgang Holzmair BARÍTONO
Imogen Cooper PIANO
Schubert
Grande Auditório

25, QUINTA, 21H00
**NOVA MÚSICA PORTUGUESA
PARA PIANO E ORQUESTRA I**
ORQUESTRA GULBENKIAN
Pascal Rophé MAESTRO
António Rosado PIANO
Miguel Borges Coelho PIANO
Soveral, Azevedo, Saint-Saëns
Grande Auditório

26, SEXTA
**NOVA MÚSICA PORTUGUESA
PARA PIANO E ORQUESTRA I**
18H00
COMENTÁRIO PRÉ-CONCERTO
ISABEL SOVERAL E SÉRGIO AZEVEDO

19H00
ORQUESTRA GULBENKIAN
Pascal Rophé MAESTRO
António Rosado PIANO
Miguel Borges Coelho PIANO
Soveral, Azevedo, Saint-Saëns
Grande Auditório

30, TERÇA, 19H00
CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA
QUARTETO VERMEER
Shmuel Ashkenasi VIOLINO
Mathias Tacke VIOLINO
Richard Young VIOLA
Marc Johnson VIOLONCELO
Mozart, Janáček, Beethoven
Grande Auditório

DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

DE 15 A 27, 10H00
A MINHA MÃE GANSO
E OUTRAS HISTÓRIAS PARA DANÇAR
OFICINA DE DANÇA

A partir obras *A minha mãe ganso* de Ravel
e *Um americano em Paris* de Gershwin
Dos 6 a 9 anos e 10 a 12 anos | Duração: 2 horas
Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: Cláudia Nóvoa
Ravel leva-nos para um mundo encantado e Gershwin
faz-nos viajar até Paris. Vamos recriar o universo
encantado de Ravel e dos contos de Perrault, cozinhá-lo
com pozinhos ritmados de jazz, e ver o que sai do "forno" ...
€4

17, 24, 31, QUARTA, 10H00 e 11H00
DOS SONS DA NATUREZA
À ORQUESTRA SINFÓNICA
VIAGEM AO MUNDO DO SOM
Visita | Dos 3 a 5 anos, dos 6 a 9 anos e dos 10 a 12 anos
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: Lydia Robertson e Francisco Cardoso
Partindo dos sons da natureza e também dos sons que
produzimos em interação com o meio ambiente, vem
fazer uma viagem pelo percurso que a humanidade
traçou desde a invenção dos primeiros instrumentos até
chegar às grandes famílias de instrumentos que
compõem a orquestra sinfónica.
€4

29, SEGUNDA, 10H00
VIAGEM ESPECIAL AO MUNDO DO SOM
Visita | Para crianças e jovens com necessidades especiais.
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: Lydia Robertson
Através dos instrumentos Baschet irás jogar, viajar,
descobrir e explorar o mundo do som a partir de ti próprio,
com as tuas características e a tua riqueza.
€4

18, QUINTA, 10H00 e 11H00
24, QUARTA, 10H00 e 11H00
VIAGEM AO MUNDO DO SOM MEDIEVAL
E RENASCENTISTA
MÚSICA E INSTRUMENTOS NAS CORTES,
CATEDRAIS, FEIRAS E MERCADOS
Visita | Dos 6 a 9 anos e dos 10 a 12 anos
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: Lydia Robertson e André Barroso
€4

19 e 26, SEXTA, 10H00
COMO SE FAZ UM CONCERTO?
UMA VIAGEM PELOS BASTIDORES DE UM CONCERTO
Visita | Dos 6 a 9 anos e dos 10 a 12 anos | Duração: 1h30
Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: Verena Wachter Barroso
€4

29, SEGUNDA, 10H00
VIAGEM AO MUNDO DO JAZZ
HISTÓRIAS, IMPROVISAÇÕES
E CRUZAMENTOS NO JAZZ

Visita | Dos 6 a 9 anos, dos 10 a 12 anos e dos 13 a 17 anos
Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: José Menezes
€4

20 E 27, SÁBADO, 10H00 E 11H00
OS MEUS PRIMEIROS SONS
EXPLORAÇÃO DA VOZ E PRIMEIRAS FORMAS DE
PRODUÇÃO SONORA

Dos 0 a 1 anos, dos 1 a 2 anos e dos 2 a 3 anos [com os pais]
Duração: 1h | Ponto de encontro: Recepção da sede
Concepção e Orientação: Lydia Robertson
€4

VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

Informações: 217 823 514, 14h30 às 17h30
pgjardim@gulbenkian.pt

6 OLHARES VISITAS GUIADAS

As visitas são acompanhadas por especialistas de diferentes áreas do conhecimento, que nos propõem uma visita, um olhar, uma reflexão sobre os jardins procurando desta forma construir, a partir do jardim real, o jardim de cada um de nós enquanto lugar de experiência vital. Número de participantes por visita: 30 | €5 por visita

13 OUTUBRO, SÁBADO, 16H00
UMA VIAGEM À ILHA DOS AMORES

O lugar do jardim que um poeta escolheu para nos contar
NUNO JÚDICE

20, SÁBADO, 16H00
O CORPO E O ESPAÇO

A visão da matéria e forma do jardim em diálogo com o corpo
RUI HORTA

27, SÁBADO, 16H00
ARTIFÍCIOS INVISÍVEIS

Descobrir e revelar um lugar pode ser um fenómeno de grande artificialidade; a mestria do projecto
AURORA CARAPINHA

OS JARDINS QUE O JARDIM CONTÉM

Explorar a orgânica do jardim. Criar outros micro jardins como jardins imaginários. | Participantes: um adulto com uma criança (dos 4 aos 10 anos) | máx. de 20 participantes
Monitor: Vanda Vilela | Ponto de encontro: hall da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian | €7,5

6, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00
HABITATS - NINHO

Construir um ninho. Os ninhos são feitos por pássaros e, por isso, são naturalmente pequenos. Utilizam folhas, ramos, terra, penas, que são entrançados como num processo de cestaria. Mas podemos imaginá-los à nossa escala. Vamos construí-los em equipa, em tamanho grande, e integrá-los no jardim.

20, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00
HABITATS – TOCA/CARAPAÇA

Construir uma toca/carapaça. As conchas, as carapaças, os casulos são casas construídas, à medida dos seus habitantes, como tocas escavadas para se esconderem. Facilmente podemos construir casas parecidas. À nossa medida..

LUPAS SENSORIAIS

Apurar os cinco sentidos à descoberta de novas vidas do jardim. Conceber objectos e outros dispositivos auxiliares da percepção. | Participantes: um adulto com uma criança (dos 4 aos 10 anos) | máx. de 20 participantes
Monitor: Vanda Vilela | Ponto de encontro: hall da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian | €7,5

13, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00
COZINHA DO BOSQUE

Conseguir diferenciar cheiros e sabores. Salgado, doce, ácido, amargo, picante.
Jogo de adivinhas através do sabor e do olfacto.
Vamos preparar areias de verdura para levar para casa.

27, SÁBADO, 14H00 ÀS 16H00
RELEVOS DO JARDIM

Construir um caminho suspenso, de folhas de papel branco, que atravessa o jardim, mostrando em "selos brancos" as suas formas e texturas.
No jardim há muitas formas e texturas diferentes: nas folhas, nos troncos, nas cascas, nas sementes, no chão, nos muros. Vamos recolhê-las calcando, com um utensílio não riscador, sobre o papel justaposto às formas, à semelhança de um selo branco. Recolha e catalogação.

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Malas de actividades, com jogos, histórias e materiais para experimentar o jardim, seguindo diferentes mapas/percursos (sem orientador).
As malas são utilizadas pelas famílias e são requisitadas na livraria da Sede da Fundação.
€10 por mala (máx. de 3 horas)

PARA OS MAIS NOVOS

PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57; fax 21 782 30 32
dcerqueira@gulbenkian.pt | www.museu.gulbenkian.pt
VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAMJAP
Marcação prévia, de segunda a sexta, 15h às 17h;
tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61 | cam-visitas@gulbenkian.pt
ATELIÉS E VISITAS-ATELIÉS NO CAMJAP
Marcação prévia, de segunda a sexta, 10h às 12h30 e 15h às 17h; tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61
cam-visitas@gulbenkian.pt

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

13, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30
OS GREGOS, SEUS MITOS E SEUS ENIGMAS
PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Com a exposição "Os Gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas" vamos ao encontro de uma cultura que muito nos ensina ainda hoje.
Dos 4 aos 5 anos, dos 6 aos 9 anos e dos 10 aos 12 anos
€7,5

14, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30
ONDE ESTÁ O ALEXANDRE?
PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Dos 4 aos 5 anos, dos 6 aos 9 anos e dos 10 aos 12 anos
€7,5

20, SÁBADO, 10H30 ÀS 12H30
VIVER O OUTONO NA ARTE E NO PARQUE
PELOS CAMINHOS DO MUSEU

Dos 4 aos 5 anos, dos 6 aos 9 anos e dos 10 aos 12 anos
€7,5

21, DOMINGO, 14H30 ÀS 16H30
VAMOS CONVERSAR COM OS GREGOS
MUSEU EM FAMÍLIA

€10 uma criança e um adulto
€4 cada criança adicional por família

27, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30
O TEATRO NA GRÉCIA CLÁSSICA
PELOS CAMINHOS DO MUSEU
Dos 4 aos 5 anos, dos 6 aos 9 anos e dos 10 aos 12 anos
€7,5 por criança

28, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30
OS GREGOS, SUA VIDA E COSTUMES
MUSEU EM FAMÍLIA
€10 uma criança e um adulto
€4 cada criança adicional por família

CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

6, SÁBADO 15H30 ÀS 16H30
OOPS, ISTO É UMA OBRA!
JOVENS PERCURSOS PELA ARTE

Dos 6 aos 10 anos | Máximo 15 participantes
Monitor: Ana João Romana
€4

7, DOMINGO 11H00 ÀS 12H00
O RAPAZ QUE APRENDEU A VOAR
IDEIAS IRREQUIETAS

Dos 2 aos 4 anos + adulto | Máximo 12 participantes
Monitor: Dora Batalim e Margarida Botelho
€4,5

7, DOMINGO 15H00 ÀS 17H00
O RAPAZ QUE APRENDEU A VOAR
IDEIAS IRREQUIETAS

Dos 5 aos 7 anos | Máximo 15 participantes
Monitor: Dora Batalim e Margarida Botelho
€4,5

13, SÁBADO 15H30 ÀS 17H30
PICTOGRAMAS E ALFABETOS!
OFICINA FIM-DE-SEMANA

Dos 6 aos 10 anos | Máximo 12 participantes
Monitor: Adriana Pardal e Sílvia Moreira
€5

14, DOMINGO 10H30 ÀS 12H30
PICTOGRAMAS E ALFABETOS!
OFICINA FIM-DE-SEMANA

Dos 4 aos 6 anos + adulto | Máximo 10 participantes
Monitor: Adriana Pardal e Sílvia Moreira
€5

20, SÁBADO 15H30 ÀS 16H30
OOPS, ISTO É UMA OBRA!
JOVENS PERCURSOS PELA ARTE

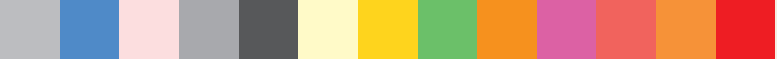
Dos 10 aos 14 anos | Máximo 15 participantes
Monitor: Ana João Romana
€4

21, DOMINGO 11H00 ÀS 12H00
O RAPAZ QUE APRENDEU A VOAR
IDEIAS IRREQUIETAS

Dos 2 aos 4 anos + adulto | Máximo 12 participantes
Monitor: Dora Batalim e Margarida Botelho
€4,5

21, DOMINGO 15H00 ÀS 17H00
O RAPAZ QUE APRENDEU A VOAR
IDEIAS IRREQUIETAS

Dos 5 aos 7 anos | Máximo 15 participantes
Monitor: Dora Batalim e Margarida Botelho
€4,5



UM ATLAS DE ACONTECIMENTOS

7 OUTUBRO – 30 DEZEMBRO 2007